

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS POSSE  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

**BIANCA ALVES MOREIRA  
IVANILDE ALVES DOS SANTOS ROCHA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA E O PERFIL DO DOCENTE  
ENQUANTO MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, EM DUAS  
ESCOLAS ESTADUAIS DO ENSINO MÉDIO, NO MUNICÍPIO DE POSSE.**

**POSSE/GO  
2015**

BIANCA ALVES MOREIRA  
IVANILDE ALVES DOS SANTOS ROCHA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA E O PERFIL DO DOCENTE ENQUANTO MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DO ENSINO MÉDIO, NO MUNICÍPIO DE POSSE.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, para obtenção do título de Licenciado (a) em Letras Português/Inglês. Sob Orientação do Professor Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro.

**POSSE/GO**  
**2015**



**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS  
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA – MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS - INGLÊS**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Autores:** Bianca Alves Moreira e Ivanilde Alves dos Santos Rocha

**Título:** As contribuições do ensino de Filosofia e o perfil do docente enquanto mediador no processo ensino-aprendizagem, em duas escolas estaduais do Ensino Médio, no município de Posse.

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2015

Com NOTA \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ ), pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

**Profº. Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro**  
Universidade Estadual de Goiás  
Orientador

---

**Profª. Esp. Anádia Binda**  
Universidade Estadual de Goiás  
1º Examinador (a)

---

**Profª. Esp. Isaura Maria Mendonça**  
Universidade Estadual de Goiás  
2º Examinador (a)

---

**Profª. Esp. Isaura Maria Mendonça**  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

---

**Profº. Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro**  
Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

Dedico este à meu querido esposo Genilson que sempre me incentivou e colaborou para a realização dos meus ideais, ao meu pai Juvêncio que sempre acreditou em mim, encorajando-me a enfrentar todos os momentos difíceis desta jornada e a minha pequena Ana Beatriz, minha mais bela razão de existir.  
(Bianca).

Dedico este trabalho aos meus pais, Nilson e Ivani, ao meu esposo Diogo, por todo amor, apoio e incentivo que recebi todos esses anos, e a minha filha Júlia, que sempre será minha força e estímulo na busca de meus objetivos, pois minha vida e meus sonhos não teriam nenhum sentido se ela não fizesse parte deles.  
(Ivanilde).

Agradeço a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente em meio à angústia. Ao professor orientador Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro, pela orientação, apoio e confiança. E a todas as pessoas que sempre estiveram ao meu lado nesta caminhada, me acompanhando, apoiando e principalmente acreditando em mim. (Bianca).

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos. Agradeço também as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho pudesse ser concretizado, e a todas as colegas do curso de Letras, que durante estes quatro anos contribuíram para que chegássemos ao final deste curso, e juntos conquistássemos mais esta significativa etapa de nossas vidas. (Ivanilde).

“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento”.

Platão

## RESUMO

A Filosofia é uma área de conhecimento indispensável para a formação intelectual e social do homem. Nesse sentido, esta pesquisa tem como propósito apresentar as contribuições do ensino de Filosofia e o perfil do docente enquanto mediador no processo ensino-aprendizagem. Assim, buscar-se-á compreender seu papel na aquisição do conhecimento, destacando sua importância sob a ótica de alguns estudiosos, além de refletir sobre a formação e a prática docente dos profissionais da educação que ministram a disciplina. A investigação foi realizada com turmas do Ensino Médio, cursado em duas escolas públicas estaduais, ambas localizadas na cidade de Posse. O procedimento utilizado na aplicação desta pesquisa foram questionários destinados a alunos e professores, e também a pesquisa bibliográfica, onde foram consultados autores com reconhecida contribuição no que se refere ao tema da pesquisa. No desenvolvimento do trabalho foi questionada a importância da Filosofia para a educação e a melhor forma de inserir o ensino da referida disciplina numa proposta de educação crítica, que contribua para a transformação social. Para a aplicação dos conhecimentos filosóficos na prática do cotidiano escolar é imprescindível à existência de profissionais capacitados para atuar na área, detentores de embasamentos teóricos necessários ao processo de ensino-aprendizagem. É ressaltada a importância dos docentes disporem de metodologias adequadas para auxiliarem os educandos na compreensão da capacidade transformadora da filosofia. A história da Filosofia e os pensamentos dos filósofos devem oferecer suporte para o trabalho docente no entendimento dos temas e dos problemas que são investigados e os conteúdos devem ser apresentados de forma que a temática esteja associada à realidade vivenciada pelos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contribuição; Filosofia; Educação; Docente; Ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

Philosophy is an essential area of knowledge for intellectual and social formation of man. In this sense, this research aims to present the contributions of teaching philosophy and profile of the teacher as a mediator in the teaching-learning process. So it will seek to understand their role in the acquisition of knowledge, highlighting its importance in the view of some scholars, as well as reflect on the training and teaching practice of education professionals who teach the discipline. The research was conducted with groups of high school, attended two public schools, both located in the town of Posse. The procedure used in the application of this research were questionnaires for students and teachers, and also the literature where authors were consulted with recognized contribution with regard to the subject of the research. In developing this work, was questioned the importance of philosophy for education and the best way to enter the teaching of this discipline in a proposal for critical education, which contributes to social transformation. For the application of philosophical knowledge in the practice of everyday school life, the existence of trained professionals to work in the area, Theoretical Foundation of holders required for the teaching-learning process is essential. It is highlighted the importance of teachers to be provided with appropriate methodologies to assist the students in understanding the transformative capacity of philosophy. The history of philosophy and the thoughts of philosophers must support for teaching in the understanding of the issues and problems that are investigated and content should be presented so that the issue relates to the reality experienced by the students.

**KEYWORDS:** Contribution; Philosophy; Education; Teaching; Teaching and learning.



## LISTA DE GRÁFICOS

**GRÁFICO 1:** Avaliação das aulas de filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 42.

**GRÁFICO 2:** Compreensão dos conteúdos ministrados pelo professor de Filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 43.

**GRÁFICO 3:** Avaliação das aulas de Filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 44.

**GRÁFICO 4:** Importância que o estudo da disciplina representa para os entrevistados. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 45.

**GRÁFICO 5:** Recursos didáticos utilizados nas aulas de Filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 46.

**GRÁFICO 6:** Metodologia mais utilizada nas aulas de Filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 47.

**GRÁFICO 7:** Temas trabalhados nas aulas de Filosofia. Colégio Argemiro Antônio de Araújo. Localizado na página 48.

**GRÁFICO 8:** Avaliação das aulas de filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 50.

**GRÁFICO 9:** Compreensão dos conteúdos ministrados pelo professor de Filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 51.

**GRÁFICO 10:** Avaliação das aulas de Filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 52.

**GRÁFICO 11:** Importância que o estudo da disciplina representa para os entrevistados. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente 53.

**GRÁFICO 12:** Recursos didáticos utilizados nas aulas de Filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 54.

**GRÁFICO 13:** Metodologia mais utilizada nas aulas de Filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 55.

**GRÁFICO 14:** Temas trabalhados nas aulas de Filosofia. Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente. Localizado na página 56.

**GRÁFICO 17:** Filosofia no curso de formação docente. Localizado na página 59.

**GRÁFICO 18:** Avaliação da formação acadêmica. Localizado na página 60.

**GRÁFICO 19:** Contribuições do ensino de filosofia no ensino médio. Localizado na página 61.

**GRÁFICO 20:** Desafios e dificuldades na realização no ensino de filosofia. Localizado na página 62.

**GRÁFICO 21:** Motivo pelo qual o professor leciona a disciplina de filosofia. Localizado na página 63.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b> |
| <b>1 A educação grega.....</b>                                      | <b>15</b> |
| <b>1.1 Educação espartana.....</b>                                  | <b>15</b> |
| <b>1.2 Educação ateniense .....</b>                                 | <b>16</b> |
| <b>1.3 Educação helenística .....</b>                               | <b>17</b> |
| <b>1.4 Os sofistas .....</b>  | <b>17</b> |
| <b>1.5 As contribuições de Sócrates para a educação .....</b>       | <b>18</b> |
| <b>1.6 A educação platônica.....</b>                                | <b>20</b> |
| <b>1.7 A contribuição aristotélica para a educação .....</b>        | <b>21</b> |
| <b>1.8 Conceituando a filosofia.....</b>                            | <b>22</b> |
| <b>1.8.1 Ensino de filosofia: do senso comum ao bom senso .....</b> | <b>23</b> |
| <b>1.8.2 Educação para a cidadania: o papel da filosofia .....</b>  | <b>24</b> |
| <b>2 Docência filosófica.....</b>                                   | <b>28</b> |
| <b>2.1 O ato de educar .....</b>                                    | <b>28</b> |
| <b>2.2 A importância da filosofia na formação do docente .....</b>  | <b>30</b> |
| <b>2.3 Contribuição da filosofia na prática docente .....</b>       | <b>35</b> |
| <b>2.4 O professor que temos e o professor que queremos .....</b>   | <b>38</b> |
| <b>3 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA .....</b>                     | <b>42</b> |
| <b>3.1 Local da pesquisa .....</b>                                  | <b>42</b> |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>3.2 Tipo de pesquisa .....</b>  | <b>42</b> |
| <b>3.3 Coleta de dados.....</b>  | <b>42</b> |
| <b>3.3.1 Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo – Colégio I .....</b>         | <b>43</b> |
| <b>3.3.2 Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente – Colégio II .....</b> | <b>50</b> |
| <b>3. 4 Questionário aplicado aos docentes de filosofia .....</b>                  | <b>57</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>68</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>69</b> |

## INTRODUÇÃO

Ao relacionar o ensino filosófico ao ensino significativo, pode-se compará-los a leitura de um livro, pois quando se lê, busca-se significados, mesmo quando não são encontrados, a busca continua. Então, ao invés de impor aos alunos a leitura de textos, onde existam conceitos de democracia, crime, lei, sociedade ou qualquer outro tema, deve-se oferecer-lhes um sentido intelectual, de modo que seja possível ajudá-los a entender os ideais, os valores e critérios adotados por uma sociedade. Assim, eles estarão preparados para julgar o funcionamento de determinada instituição, seus benefícios e malefícios para o meio social.

A Filosofia é uma disciplina fundamental na formação do professor, não somente na parte didática, mas também na prática. Sua contribuição é a estimulação enquanto discente para o seu exercício docente, visando torná-lo um profissional crítico, reflexivo, coerente e transformador da realidade educacional. Outra atribuição que pode ser destacada é o fato de que, nos cursos de formação inicial de professores, esta disciplina tem o compromisso de auxiliar os estudantes a pensar criticamente, no que se refere ao processo educacional. E, desta forma, articulá-lo as metodologias empregadas, aos conhecimentos, saberes, currículo escolar, avaliação da aprendizagem, gestão escolar e demais elementos que compõem a instituição de ensino.

Pretende-se expor através desta pesquisa o significado da filosofia enquanto disciplina na formação docente, com o propósito de possibilitar a estes profissionais a atribuição de novos significados às ações pedagógicas. Através do estudo da mesma, objetiva-se auxiliar o docente no sentido de instigá-lo a refletir criticamente sobre a atividade educacional, de forma a especificar os seus fundamentos, além de contribuir para a prática educativa das diversas disciplinas.

É perceptível a contribuição da filosofia no Ensino Médio, relacionados aos demais conhecimentos propostos pelo currículo escolar. Estes fundamentarão o entendimento das mais diversas realidades apresentadas aos indivíduos, de forma que, poderão orientá-los no desenvolvimento crítico necessário para exercer sua

autonomia, tornando-se capazes de interagir e transformar os desafios a eles apresentados. Contudo, é indispensável para a aplicação dos conhecimentos filosóficos na prática do cotidiano, profissionais formados e capacitados nesta área de conhecimento, além de metodologia adequada para que os educandos compreendam a capacidade transformadora da Filosofia.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições do ensino de Filosofia para docentes e discentes. Além disso, o perfil do docente enquanto mediador no processo ensino-aprendizagem será analisado, com o intuito de demonstrar sua influência na formação do senso crítico do aluno, com ênfase nas argumentações de alguns estudiosos da área.

Foi feita uma relação entre a formação do professor de filosofia e sua prática pedagógica na sala de aula com alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais, são elas: Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo (CEAAA) e Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente (CEJBV). Através da realização desta pesquisa, incitou-se a descobrir a melhor opção de ensinar a disciplina, de modo que venha contribuir para a formação crítica e transformadora do aluno enquanto cidadão.

Para realização da pesquisa foram elaboradas duas etapas metodológicas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica foram analisados livros, artigos, textos que abordam sobre os fundamentos teóricos e conceitos do ensino de Filosofia. Para a pesquisa de campo foram elaborados questionários específicos para alunos e professores, sendo que, através da análise dos dados, descobriram-se alguns fatores que contribuem para os resultados encontrados.

## **1 A educação grega**

Esparta e Atenas foram as cidades-estados mais influentes da Grécia Antiga. Ambas disputaram o domínio dessa civilização, sendo que, após anos de batalhas, Esparta teve sua vitória triunfante, coincidindo com o declínio de Atenas. No entanto, esta deixou um importante legado, pois devido ser o mais importante centro cultural e intelectual do Ocidente, dentre os quais deram origem a filosofia e a democracia, tornou-se o berço da Civilização Ocidental. As duas cidades apresentaram concepções distintas em relação à educação: enquanto Esparta se dedicava integralmente as atividades físicas e militares, Atenas priorizava o desenvolvimento intelectual, corporal e espiritual.

### **1.1 Educação espartana**

A instrução espartana era orientada de maneira específica, onde o intuito principal era a formação de bons soldados, pois havia a necessidade de se ter um exército forte. A imposição de disciplinas severas, com ideais militaristas, a preparação para a guerra e a subordinação do indivíduo ao Estado eram transmitidas prematuramente por meio de uma escola autoritária, completamente controlada pelo Estado. As crianças do sexo feminino eram preparadas com a prática esportiva para se tornarem boas esposas e mães, pois acreditavam que o desenvolvimento da menina com um aspecto saudável e resistente, poderia aumentar a probabilidade de gerar filhos também fortes e capacitados para enfrentarem futuros conflitos.

As crianças do sexo masculino eram retiradas do seio familiar a partir dos sete anos, para então serem introduzidas em escolas-ginásios onde eram submetidos à formação militar. Sua educação englobava uma série de exercícios de ginástica e atletismo. Somente aos 30 anos eram considerados soldados e cidadãos, após passarem por um treinamento rigoroso de intenso esforço físico, etapa esta, que favorecia a aquisição de força e coragem. A partir de então, poderiam participar das assembleias realizadas na cidade e terem o direito de participarem na escolha de novas leis. Os espartanos alcançavam a maturidade em excelentes condições físicas, mas em geral, eram desprovidos de conhecimentos, sendo que uma minoria estava apta a ler e escrever.

## 1.2 Educação ateniense

Em Atenas, o sistema educacional privilegiava a formação intelectual, mas sem desvalorizar a educação física, esta vinha complementada por uma preocupação moral e estética. Como a cidade exercia grande influência sobre a Grécia, percebia-se a necessidade de uma burocracia culta, onde houvesse o conhecimento da leitura e da escrita. A educação deixa de ser restrita à família, pois a partir dos sete anos se iniciava a educação formal. Diferentemente dos Espartanos, o governo de Atenas não controlava escolas e alunos.

Como mencionado anteriormente, a educação se iniciava aos sete anos, sendo que, enquanto as meninas frequentavam o gineceu (parte da casa onde as mulheres ocupavam-se dos serviços domésticos), os meninos desvinculavam-se da autoridade materna para serem instruídos através da leitura, da escrita, da educação física e da música. Os responsáveis por tais orientações eram o *paidotribes* (instrutor de gramática), o *grammatistes* (mestre) e o *kitharistes* (instrutor de música). Além disso, os meninos eram acompanhados por um escravo que era responsável por guiá-los e controlá-los: os *paidagogos*.

Em primeiro lugar, aprendiam o alfabeto e a escrita. O aluno copiava as letras separadamente, em seguida combinava as sílabas e finalmente, decorava palavras inteiras. Para exercerem a leitura, baseavam-se nas obras de Hesíodo, Homero, Esopo, Tucídides, Sólon e Focílides. Liam-se também versos que continham ensinamentos magníficos, discursos, narrativas, elogios famosos e poemas líricos, sendo os últimos cantados em público. O cálculo, o desenho e a geometria também tinham elevado grau de importância no processo de ensino-aprendizagem ateniense.

Outro aspecto considerado de extrema relevância era o cuidado com o corpo, a fim de torná-lo saudável, robusto e belo, para isso, praticavam atividades físicas frequentemente. A ginástica incluía o arremesso de dardo e disco, corrida, natação, dança, salto e luta livre. Ao completar 18 anos, o jovem atingia o “efebo” (auge da adolescência) com a realização de uma cerimônia, depois disso, era considerado preparado para a vida em sociedade. Posteriormente prestava serviço militar durante dois anos.



A educação ateniense era marcada por seu caráter harmônico de formação, transmitido através do processo educativo, e a relevância que nela desempenhava a cultura literária e musical. Esta, no entanto, era desprovida de valor prático, mas de grande importância espiritual, direcionada ao amadurecimento da personalidade e humanidade do jovem.

### 1.3 Educação helenística

No final do século IV a. C. inicia-se a decadência das cidades-estados gregas. Nesse período, a educação deixa de ser de cunho privado e torna-se pública, sendo de responsabilidade dos municípios e das cidades, apenas a *efebia* (serviço militar, mas também de caráter cívico) e o treinamento dos *efebos* continua sob a competência do Estado.

Existia o ensino privado, ministrado em escolas particulares que eram mantidas através de gratificações dos alunos. É uma fase que exigia uma gama de conhecimentos na formação do homem culto, dando maior ênfase no aspecto intelectual, diminuindo assim, a acentuação do aspecto estético e físico.

O importante dessa época é que deixa estabelecido, com sua enciclopédia, o programa de estudos que o mundo ocidental depois seguirá durante muitos séculos, como o *trivium* e o *quadrivium*; aquele compreendia gramática, retórica e filosofia ou dialética; este, aritmética, música, geometria e astronomia; quer dizer: a divisão em matérias humanistas e realistas que perdurou no mundo(LUZURIAGA, 2001, p.43).

Com a instauração do ensino privado e o desenvolvimento da leitura, da escrita e o cálculo, intensifica-se o papel do pedagogo. O conteúdo amplo das disciplinas científicas (aritmética, música, geometria e astronomia), humanistas (gramática, retórica e dialética), o aperfeiçoamento do estudo da filosofia e da teologia culminou na criação de diversas escolas que se expandiram significativamente. Da fusão de alguns desses estabelecimentos de ensino, como o Liceu e a Academia, fundou-se a Universidade de Atenas.

### 1.4 Os sofistas

A partir do século V a. C, a educação fundamentada na música, na gramática e na ginástica já não era suficiente, o que culmina em grandes modificações na educação ateniense. Neste período a formação literária e a retórica ocupava função expressiva no processo educativo, tendo como propósito a formação de cidadãos aptos a ocuparem cargos elevados na administração e na política da cidade, bem como desenvolver a capacidade de administrar comércios e negociações pessoais.

O regime democrático de Atenas fez com que a retórica se tornasse uma disciplina imprescindível na formação dos políticos. Estes necessitavam ter domínio da oratória para persuadirem as assembleias e os conselhos a votarem nas suas propostas. O ensino literário, baseado nas disciplinas de literatura, filosofia, gramática e retórica passou a integrar o processo de formação, tendo os sofistas como os precursores mais influentes na educação ateniense. Em relação a esta sociedade, Aranha afirma que:

Neste sentido, os sofistas foram os criadores da educação intelectual, que se tornou independente da educação física e da musical, até então predominantes nos ginásios. Além disso, ampliaram a noção de Paidéia: de simples educação de criança, estendeu-se à contínua formação do adulto, capaz então de repensar por si mesmo a cultura do seu tempo. À revelia das críticas de Sócrates, os sofistas valorizaram a figura do professor e, ao exigir remuneração, deram destaque ao caráter profissional dessa função. (ARANHA, 2006, p.69).

Os Sofistas são considerados os inventores da educação autônoma, sendo que as ideias disseminadas pelo grupo foram as seguintes: acentuação do valor humano, rompimento dos moldes espartanos na organização do Estado, valorização da vida humana individual, reconhecimento da virtude e do desenvolvimento da habilidade como algo transmissível e suscetível ao ensino (através da instrução, todo cidadão que for devidamente preparado poderá ter acesso ao governo). Além disso, a organização de sistemas e métodos educativos para interferência na vida pública, formação do político e do orador, acolhimento da cultura geral ( múltiplos saberes, universal, e não apenas retórico e dialético), elevação do nível de instrução e criação da educação intelectual e independente da educação musical e ginástica.

### **1.5 As contribuições de Sócrates para a educação**

Nascido na cidade de Atenas em 469 a. C, Sócrates foi uma figura representativa na história da filosofia. Embora muitos associassem suas ideias com a dos sofistas, ele se opôs de forma persistente a estes, pois não concordava com o fato deles cobrarem pelas aulas, bem como a maneira pela qual encaminhavam as discussões e debates.

Os únicos pontos em comum que tinha com os sofistas consistiam na realização das atividades educativas através da conversação, eles também discordavam da educação sujeita à intervenção do Estado. Ambos defendiam o valor do homem e da vida pessoal, alegando que a virtude não é um privilégio da aristocracia, mas um patrimônio de todos, pois é transmissível e passível de ser ensinada.

Mas as divergências de Sócrates com os sofistas são ainda maiores que as coincidências. Em primeiro lugar, Sócrates não fez da educação profissão remunerada, utilitária; nem tratou de granjear adeptos, antes estes acorriam a ele espontaneamente. Em segundo, sua educação não tinha caráter prático, de proveito pessoal; era do tipo espiritual, moral. Em terceiro, enquanto os sofistas empregam o diálogo e seus ensinamentos para impor ideias ou servir a fins egoístas, Sócrates o utiliza para convencer e descobrir a verdade. Finalmente, enquanto os sofistas permanecem indiferentes às ideias morais, Sócrates se preocupa com a vida. (LUZURIAGA, 2001, p.48).

Segundo Sócrates, a finalidade da educação é o conhecimento e a disposição constante para a prática do bem, determinando o ensino da virtude um fator indispensável. Para que o aluno atinja este nível, é necessário que aprenda a pensar. Portanto, a instrução intelectual torna-se a base da educação moral. A metodologia empregada pelo filósofo para alcançar um amplo grau de intelectualidade é a utilização do diálogo. Através deste, o discente é estimulado a refletir, a descobrir as coisas por si mesmo, de forma ativa.

A busca progressiva pela verdade por meio de diálogos públicos propicia condições de ensino que possibilita a seus interlocutores um aprendizado coerente, sobre os temas que serviam de fundamento para as questões abordadas. Nessas conversações, Sócrates era acompanhado por jovens que se esforçavam para aprender o suficiente para serem inseridos na vida pública e política de Atenas.

O seu objetivo era formar jovens capazes de inferir conclusões precisas, além de alcançarem a verdade por si mesmo, ao invés de dar-lhes respostas já elaboradas. Sendo assim, do ponto de vista de Sócrates, a educação tinha por finalidade imediata o desenvolvimento da capacidade de pensar, convertendo as opiniões em conceitos e não apenas em mera assimilação de conhecimentos isolados, sem que antes sejam questionados.

## 1.6 A educação platônica

Platão nasceu em Atenas no ano 427 a.C. Foi discípulo de Sócrates, sendo que este foi quem o incentivou ao estudo da filosofia. A visão que Platão mantinha em relação à educação estava intrinsecamente associada à política. Para ele, na proporção em que o cidadão se permite guiar pela sabedoria e pela razão, o mesmo apresentará as condições necessárias para avaliar e examinar os setores dos dirigentes da sociedade.

Em suas concepções, o filósofo defendia a ideia de que o Estado deveria ser o responsável pelo processo educativo, sendo que a instrução da mulher é semelhante à do homem. As ocupações de cargos de autoridade dependiam do mérito de cada um e não da quantidade de bens e riquezas que possuíam. Ele valoriza a educação intelectual, acrescida pelo estudo das ciências, especialmente a matemática, e o domínio da arte de diálogo e discussão (dialética). A respeito do que foi citado, Arruda (2006, p. 46) afirma que “Platão propõe, portanto, uma *sofocracia* (etimologicamente, “poder dos sábios”) e diz que, para um Estado ser bem governado, é preciso que os filósofos se tornem reis, ou os reis se tornem filósofos”.

Para ele, caberia à educação estimular o aluno, para que este construísse seu próprio conhecimento. Deste modo, seria competência do professor auxiliá-lo a descobrir o caminho que proporcionasse a superação de seu estado de obscurantismo, a partir da desconstrução e reconstrução de determinados conceitos e verdades. A educação era considerada um instrumento de libertação, capaz de desprender o homem da condição alienadora.

Platão acreditava que uma sociedade justa e direcionada para o bem estar geral surgia de um processo, no qual o homem seria educado para a construção da justiça, pois é através desta que o Bem se configura. Sua proposta consistia em definir a criação de leis íntegras e fundamentadas na administração da sociedade política, onde a justiça seria condição permanente na vida do cidadão.

### **1.7 A contribuição aristotélica para a educação**

Aristóteles nasceu na cidade de Estagira, em 384 a.C. Para o filósofo, o potencial humano era desenvolvido a partir do aperfeiçoamento dos valores internos. Devido o ser humano possuir múltiplas potencialidades, seria necessário que ele desfrutasse das condições essenciais para desenvolver o talento, alcançando o bem estar pessoal.

A finalidade da educação para Aristóteles era o bem moral, onde estaria à felicidade, que não poderia confundir com prazer, posto seja este condição necessária daquela. Aristóteles definia a felicidade como a plenitude da realização do humano no homem. Para ter o bem, não bastaria conhecê-lo, pelo saber, como queria Sócrates, mas havia que praticá-lo, realizá-lo. Não bastava adquirir as ideias morais, mas tinha que praticá-los, formando hábitos rotineiros.

Para o filósofo, ela partia da imitação e tinha como propósito induzir o educando a adquirir hábitos que formariam nele uma segunda natureza. Nesse processo cabe ao docente expor o assunto, fazer com que o educando retenha aquilo que foi exposto, enfim, instigá-lo a relacionar os diversos conhecimentos adquiridos através dos exercícios de reflexão. Trata-se de uma educação que leva em consideração todas as faculdades que integram a natureza humana, para que o educando alcance a finalidade específica de sua existência, a felicidade e o sucesso pessoal e coletivo.

Sua principal contribuição foi acreditar na educação como condição necessária para transformação de toda a sociedade, tendo em vista que o ser humano devia cultivar o compromisso de agir de forma a beneficiar não somente a si mesmo, mas também o próximo, compondo assim o ideal de coletividade.

## 1.8 Conceituando a filosofia

Filosofia é uma palavra grega que significa "amor à sabedoria". Originou-se na Grécia Antiga, no século 6 a.C., como uma forma de buscar conhecimentos diferentes daqueles apontados pela mitologia, num tempo onde a religião explanava desde os fenômenos da natureza até as ocorrências do cotidiano.

Pode-se conceituá-la como uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta. É uma maneira de pensar e posicionar-se diante do mundo. Não é um aglomerado de conhecimentos concluídos, um sistema finalizado e fechado em si mesmo. É um exercício de vida, pois procura refletir os fatos e acontecimentos além das suas aparências.

A Filosofia surge, portanto, quando alguns gregos, admirados e espantados com a realidade, insatisfeitos com as explicações que a tradição lhes dera, começaram a fazer perguntas e buscar respostas para elas, demonstrando que o mundo e os seres humanos, os acontecimentos e as coisas da Natureza, os acontecimentos e as ações humanas podem ser conhecidos pela razão humana, e que a própria razão é capaz de conhecer-se a si mesma (CHAUÍ, 2002, p.23).

É a forma de compreender o mundo de maneira consciente e crítica, onde os julgamentos levantados venham favorecer as mudanças na realidade, podendo assim elevar o nível de entendimento e percepção em relação a existência, bem como a melhor maneira de administrá-la, tendo em vista o bem estar pessoal e da sociedade em que se vive.

Filosofia é um corpo de conhecimento, constituído partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido, um significado compreensivo. Corpo de conhecimentos, em Filosofia, significa um conjunto coerente e organizado de entendimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações. (LUCKESI, 1994, p.22).

Pode-se considerá-la, como uma forma particular do ser humano compreender os vários aspectos da realidade com a qual se envolve. É o meio que o permite tornar-se crítico e reflexivo, avaliando sua forma de pensar e agir, bem como lhe possibilita analisar seu comportamento social.

### 1.8.1 Ensino de filosofia: do senso comum ao bom senso

O senso comum é um conhecimento obtido através da tradição, é um legado dos antepassados, ao qual o indivíduo incorpora as experiências vivenciadas na sociedade a que pertence. Trata-se de um conjunto de convicções que o possibilita decifrar e explicar a realidade. Não é analisado de forma positiva, já que se encontra mesclado a crenças e preconceitos, pois surge do processo de adaptação a uma explicação ou compreensão da realidade, sem que a mesma seja interrogada.

Em contrapartida, o bom senso não se contenta como que lhe instruíram, pois tem a percepção de que o conhecimento passa sempre por um aperfeiçoamento, devendo ser detalhado e reavaliado constantemente. Este é baseado na reflexão, na crítica, na investigação e no raciocínio.

Chamamos senso comum (ou conhecimento espontâneo, ou conhecimento vulgar) a essa primeira compreensão do mundo resultante da herança fecunda de um grupo social e das experiências atuais que continuam sendo efetuadas. Pelo senso comum, fazemos julgamentos, estabelecemos projetos de vida, adquirimos convicções e confiança para agir. O senso comum, sendo a interpretação do mundo em que vivemos, dá-nos condições de operar sobre ele, ao mesmo tempo que nos orienta na busca do sentido da existência. No entanto, o senso comum não é refletido; impõe-se sem críticas ao grupo social. Por ser um conjunto de concepções fragmentadas, muitas vezes incoerentes, condiciona a aceitação mecânica e passiva de valores não-questionados. Com frequência se torna fonte de preconceitos, quando desconsidera opiniões divergentes. Por isso é preciso encontrar formas que possibilitem a passagem do senso comum para o bom senso, este entendido como elaboração coerente do saber e como explicitação das intenções conscientes dos indivíduos livres. Nessa perspectiva, o homem de bom senso é ativo, capaz de reflexão e dono de si mesmo. (ARANHA, 1992, p.62).

A superação do senso comum possibilita ao homem maior possibilidade de entendimento da realidade, e conseqüentemente, uma ação efetiva. Na medida em que esse nível de compreensão atinge um grande número de pessoas, ela se transforma numa possibilidade maior de críticas, de mudanças, de novas ações, e conseqüentemente, ocorrerá o aprimoramento de suas capacidades intelectuais.

Ora, uma educação realizada com base em princípios do senso comum só poderá estar a serviço de uma perspectiva social dominante. Por isso, importa superar o senso comum em todos os setores da vida humana e, no caso, na prática educacional. Aliás, a prática educacional não poderia, nem deveria, de forma alguma, atuar com base em elementos do senso

comum, pois tem por objetivo formar consciências e, acreditamos, consciências críticas, capazes de compreender, propor e agir em função de novas perspectivas de vida. Por isso, é preciso filosofar e ultrapassar os limites do senso comum como entendimento e como orientação para nossa prática. (LUCKESI, 1994, p.107).

A consciência crítica é indispensável para a vida do ser humano, pois este almeja ser cidadão pleno, livre e responsável por suas escolhas. Ser crítico se estabelecem como um saber fundamentado, exigente, relacionando as afirmações entre si, sobressaindo-se ao senso comum, por examinar nos questionamentos, algo mais que o resultado pronto e acabado. É a atitude de não aceitar como concretos as ideias, os fatos, os comportamentos, as situações, os valores, sem antes contestá-los, investigá-los e, conseqüentemente, compreendê-los.

Essa capacidade de questionar, de indagar criticamente a realidade, de problematizar e de afastar-se do senso comum não é algo que se adquira espontaneamente. Esta competência deve ser estimulada, praticada, apreendida, e continuamente aperfeiçoada. A Filosofia, por sua característica reflexiva, é considerada um meio propício para o desenvolvimento dessa capacidade.

### **1.8.2 Educação para a cidadania: o papel da filosofia**

Durante a ditadura militar, a disciplina de Filosofia foi banida das escolas, porém, em 20 de Dezembro de 1996 foi sancionada a lei de número 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esta lei determinou a inclusão da Filosofia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, sendo que seu principal objetivo era desenvolver o pensamento crítico do cidadão. Isso permitiria que ele pudesse posicionar-se na sociedade e adquirir uma nova visão de mundo, além de ampliar sua habilidade para argumentar e formar conceitos.

O objetivo da disciplina de Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO; vol.3, 2006, p.29).



Como a ciência do conhecimento tem um papel extremamente importante na educação, o ensino da disciplina é uma opção favorável no que concerne ao desenvolvimento da qualidade do pensamento dos estudantes. Portanto, não se pode desvincular educação de filosofia, visto que, ambas caminham conjuntamente, pois ainda que diariamente o ser humano não tenha esta percepção, o fato de educar, raciocinar, refletir, transfigura-se no simples ato de filosofar.

Por enquanto, podemos reafirmar que a forma filosófica de conhecimento se apresenta como a busca ilimitada de mais sentido, de mais significação. Transforma-se então a filosofia num esforço do espírito humano com vistas a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível e sempre em relação à significação da existência do homem. É a tentativa de compreender o sentido mais radical de todas as coisas, independentemente da sua utilização imediata. (SEVERINO, 2007, p.25).

De acordo com a LDB, a terceira etapa da educação brasileira (Ensino Médio) apresenta aspectos fundamentais, atribuindo ao ensino de filosofia as seguintes funções: o aprimoramento do educando como ser humano e sua formação ética, desenvolvimento de seu senso crítico e da sua autonomia intelectual. A disciplina favorece inúmeros benefícios para a educação, tendo em vista que seu estudo objetiva despertar a criatividade, o descobrimento da personalidade pessoal, contribuindo para um cidadão apto a conduzir seu futuro com responsabilidade, atuando de forma significativa na sociedade.

A Filosofia deve compor, com as demais disciplinas do ensino médio, o papel proposto para essa fase da formação. Nesse sentido, além da tarefa geral de “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Artigo 2º da Lei nº 9.394/96), destaca-se a proposição de um tipo de formação que não é uma mera oferta de conhecimentos a serem assimilados pelo estudante, mas sim o aprendizado de uma relação com o conhecimento que lhe permita adaptar-se “com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (Artigo 36, Inciso II) – o que significa, mais que dominar um conteúdo, saber ter acesso aos diversos conhecimentos de forma significativa. Outro objetivo geral do ensino médio constante na legislação e de interesse para os objetivos dessa disciplina é a proposição de “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (Lei nº 9.394/96, Artigo 36, Inciso III). Embora se trate de uma ideia vaga, o aprimoramento como pessoa humana indica a intenção de uma formação que não corresponda apenas à necessidade técnica voltada a atender a interesses imediatos, como por exemplo, do mercado de trabalho. Tratar-se-ia antes de um tipo de formação que incluía a constituição do sujeito como produto de um processo, e esse processo

como um instrumento para o aprimoramento do jovem aluno. O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p.28-29).

Nesta esfera de ensino deve-se ampliar o nível de conhecimento e entendimento que os discentes adquiriram ao longo da vida, transformando-os em raciocínio crítico e criativo, tornando-os aptos a elaborarem explicações e respostas compatíveis aos problemas cotidianos e a novas situações. Dentre os quais se destacam: o desenvolvimento da cidadania, que engloba o conhecimento, o uso e a produção dos direitos e deveres do cidadão, bem como o desenvolvimento da consciência cívica e social, que pressupõe a avaliação dos cidadãos nas decisões e atitudes de caráter público ou particular.

A aprendizagem deve desenvolver competências e habilidades que possibilitem ao aluno observar a sociedade em que vive como uma organização humana, que se reconstrói frequentemente no decorrer de gerações, num processo sucessivo e contínuo, onde o mesmo é provido de historicidade. Isso para que o mesmo compreenda o espaço preenchido pelo homem, enquanto espaço construído e edificado, tal como os processos de sociabilidade humana em âmbito coletivo.

Dessa forma, ele será capaz de perceber sua responsabilidade enquanto agente social, que tem o dever de fazer intervenções na sociedade, podendo avaliar o propósito dos desenvolvimentos sociais, constatando assim, o significado de sua influência neste processo.

A filosofia está intimamente associada à educação, pois através da educação há uma possibilidade de interferir na sociedade através da formação de homens que não permitem alienar-se pela classe dominante. Ela forma cidadãos que analisam o corpo social com um olhar crítico, constatando as astúcias que estão por trás da conduta dessas classes dominadoras.

A Filosofia se manifesta ao ser humano como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão da sua existência, em termos de significado, como lhe oferece um direcionamento para a sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos, para lutar por ele. Ela estabelece um quadro organizado e coerente de “visão de mundo” sustentando, conseqüentemente, uma proposição organizada e coerente para o agir. Nós não “agimos por agir”. Agimos, sim, por uma finalidade, que pode ser mais ampla ou mais restrita. (LUCKESI,1994,p.23).

Esta disciplina tem como objetivo colaborar para a explicitação de diversas dúvidas que venha a proporcionar transformações perceptíveis na sociedade, porém sua eficácia depende da maneira como são abordados os estudos filosóficos. A mera transmissão de pensamentos clássicos ou a discussão limitada de temas desvinculados da prática pedagógica reflexiva, tampouco a compreensão das perspectivas da educação, não levarão a um estudo transformador. É imprescindível uma formação onde seja privilegiada uma comunicação reflexiva que proporcione a compreensão do papel da filosofia na educação.

Ao preparar o cidadão para enfrentar os desafios determinados pela sociedade, a escola estará cumprindo não apenas a função de ensinar conteúdos, mas a de desenvolvimento do indivíduo, na capacitação do mesmo para viver em sociedade. De acordo com Arruda (1993, p.75) “[...] por meio da reflexão, a filosofia permite ao homem ter mais de uma dimensão, além da que é dada pelo agir imediatamente, na qual o ‘homem prático’ se encontra mergulhado”.

No que se refere ao ensino-aprendizagem, deve-se partir do conhecimento do aluno para elevá-lo a um nível mais crítico e complexo de raciocínio. O propósito é permitir a aquisição de diferentes formas de conhecimento que lhe proporcionem um novo patamar, sendo este mais coerente e plausível a análise e compreensão do mundo. O que não se pode é fazer com que os discentes permaneçam atados aos seus entendimentos restritos, inconscientes e despreziosos em relação ao cotidiano existencial.

Conhecimento significa uma forma de entendimento da realidade, ou seja, uma forma de compreensão de alguma coisa, tanto no seu modo de ser quanto no seu modo de operar com ela. O conhecimento não é apenas uma forma de obter e reter informações. É muito mais que isso. É uma forma de entender a realidade como ela é no seu funcionamento, a partir dos múltiplos elementos que a explicam. Para combater e vencer uma doença é preciso saber o que ela é e como age; para travar uma luta política, com chances de sucesso, é preciso entender o funcionamento da sociedade em

que se vive. E assim por diante. O conhecimento é, portanto, um instrumento de vivência e de sobrevivência. Não significa apenas uma "ilustração da mente". (LUCKESI, 1994, p.86).

Os textos filosóficos são mecanismos que podem ser utilizados para que o aluno conheça o pensamento dos filósofos, bem como os problemas que foram questionados no passado, assim como as soluções propostas. Ao compreender as ideias dos mesmos, expandirá seu entendimento de mundo, e desta forma poderá se orientar na busca de significações para sua vivência, auxiliando-o em suas escolhas e ações no convívio social.

Para desenvolver uma prática educativa filosófica na atualidade é necessário pensar o presente, pois este é o reflexo do passado, para então fazer uma análise que possibilite maior clareza e suporte para a conscientização progressiva. O ensino de Filosofia deve conceber uma compreensão sensata, que vise benefícios pessoal, social, cultural e histórico.

Este estudo filosófico deve pautar-se em um projeto que esteja comprometido coma transformação, favorecendo a superação da exclusão, da exploração, da dominação e alienação da sociedade. Ao beneficiar as relações do homem com o mundo, do homem consigo mesmo e do homem com os outros homens, estará priorizando a socialização da humanidade.

## **2 Docência filosófica**

### **2.1 O ato de educar**

A educação é um fenômeno social e universal, apenas o ser humano dispõe entendimento e visa à mesma como modo de aprendizagem e aperfeiçoamento. O homem é um ser em construção, inacabado, social e cultural. Para Aranha (2006, p.31) "A educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho".

Atualmente, esse rompimento com “o velho” é muito mais flexível, visto que existe bastante informação em circulação. Evidentemente, isso acontece de maneira variável, inclusive, em sociedades primitivas e tradicionais onde há uma maior resistência à mudança ocorre essa interrupção, são poucos os locais que estão isolados da realidade de mudança pela informação. Enquanto nas sociedades urbanas contemporâneas a variabilidade é muito maior.

Para Aranha, (2006 apud Libâneo, 1985) “educar (em latim, *educare*) é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação”, este ato de educar implica uma atividade de interação entre os seres sociais, tanto no nível intrapessoal como no nível da influência do meio.

Essa interação se configura numa ação exercida sobre as pessoas, visando provocar nelas mudanças tão eficazes que as tornem elementos ativos desta própria ação. Presume-se ai, a interligação de três componentes: um agente (alguém, um grupo, um meio social), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, automatismos, habilidades) e educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (LIBÂNEO, 1985 apud ARANHA, 2006, p.32).

Nesta perspectiva, espera-se que o ambiente acadêmico proporcione ao graduando possibilidades de admissão de responsabilidades, tornando-o um cidadão crítico e reflexivo, apto a compreender o ambiente em que vive, capaz de ter uma perspectiva do todo, além de estar comprometido com a ética e a política.

Convém ressaltar que se pode compreender a educação ou confundi-la apenas como transmissão de informações ao educando, mas sim instigá-los a procurarem respostas às questões de suas vidas, não os limitando a seguir regras já elaboradas. É importante que o educador compreenda que o saber é indispensável como condição formadora do ser humano, e não apenas como uma simples transmissão de informações. Visto que, quando o aluno aprende a buscar por si próprio, realizando pesquisas, lendo livros, grupos de pesquisa, o mesmo aprende, reconstituindo a cada dia o seu conhecimento. Com isso, não fica retido a verdades absolutas, mas partem em busca de novas verdades que irão mudar constantemente.

O ato de ensinar exige que o educador acredite na mudança, devendo escolher metodologias que proporcionem ao educando o interesse e a curiosidade pelo conhecimento, formando-o para atuar e intervir ativamente na realidade. O ponto inicial para refletir a respeito do processo de ensino-aprendizagem no contexto educacional compreende a ideia de incompleto do ser, que toma consciência das suas práticas e de sua capacidade de aprender, não apenas para adaptar-se à realidade, mas como anseio de reconstruí-la.

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões de comportamento, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência. A educação é uma instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduos e sociedade. (ARANHA, 1996, p. 15).

Contudo, o processo de educar não acontece de modo uniforme. Desde as sociedades tribais, a transmissão da cultura era feita pelos adultos em direção a todos os indivíduos. Com o passar do tempo, nas sociedades complexas, a educação acabou assumindo um caráter elitista, diferenciando a camada intelectual dos trabalhadores braçais. Diante desse pressuposto, fica evidente que pensar o passado não pode ser visto como uma espécie de conservadorismo, já que o mesmo não está morto, pois nele se firmam as raízes da atualidade. É através da compreensão de acontecimentos do passado que se pode dar significado ao presente e idealizar o futuro, sendo necessário estar atento à intencionalidade de sua ação, e questionando sobre seu saber/agir ou saber/fazer.

## **2.2 A importância da filosofia na formação do docente**

O educador desempenha um papel de grande importância para o progresso de uma sociedade, uma vez que o mesmo atua como um formador de opinião, que deve intencionalizar a execução de condições pedagógicas pautadas em princípios éticos, políticos e estéticos, permitindo a percepção, compreensão e apropriação do saber. Desta forma, é imprescindível que os cursos de formação de professores sejam vistos como um período efetivo de reflexão sobre a educação, sendo esta a

oportunidade para a superação da atividade meramente burocrática em que imergem a maioria desses cursos.

São os cursos regulares de Licenciatura em Filosofia, os quais atendem às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, que estabelecem os parâmetros para a proposta de cursos de Bacharelado e de Licenciatura. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) elaboradas a partir da LDB publicada pelo MEC em 20/12/1996:

Os cursos deverão formar bacharéis e/ou licenciados em Filosofia. O bacharelado deve caracterizar-se pela pesquisa, em geral direcionada aos programas de pós-graduação em Filosofia, bem como ao magistério superior. A licenciatura estaria orientada, sobretudo, para o ensino da Filosofia no nível médio. Ambas as graduações devem oferecer substancialmente a mesma formação básica, em termos de conteúdo e de qualidade, com uma sólida formação de História da Filosofia, que capacite para a compreensão e a transmissão dos principais temas, problemas e sistemas filosóficos, assim como para a análise e reflexão crítica da realidade social em que se insere. Bacharelado e Licenciatura antes pelas suas finalidades, sendo que do licenciado se espera uma vocação pedagógica que o habilite para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente. O bacharel deverá estar credenciado para a pesquisa acadêmica e eventualmente para a reflexão transdisciplinar.

Percebe-se que a Lei de Diretrizes e Bases estabelece uma diferença entre bacharéis e licenciados, que não acontece nos termos da prática docente, pois o bacharel não deixa de ser um professor. O bacharel precisa ter compromisso com a ação pedagógica para conseguir despertar os jovens para a reflexão filosófica. Tanto o bacharel quanto o licenciado estão aptos para a pesquisa, dedicando-se não somente à pesquisa, em um nível de pós-graduação, em um tema de seu interesse pertencente às áreas definidas nas Diretrizes Curriculares, mas dedicar-se também à pesquisa no ensino de filosofia. Esta deve ser uma pesquisa em filosofia, e não em didática ou metodologia de ensino.

A elaboração dos cursos de licenciatura dá-se a partir das Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior. As cinco disciplinas didático-pedagógicas básicas para a disciplina de Filosofia são: História da Filosofia, Ética, Filosofia Geral, Lógica e Teoria do Conhecimento. Em

relação ao conteúdo específico de Filosofia, não existe distinções entre a formação de Licenciatura e Bacharelado.

O objetivo dessa discussão é refletir, com base nas especificidades da área, qual é a melhor formação para o docente de filosofia. Mas ao invés de afirmar como deve ser a formação do licenciado, pretende-se dizer como ela acontece, de maneira a incentivar a discussão, nas Instituições de Ensino Superior, e principalmente nas unidades nas quais estão alocados os cursos de Filosofia, sobre essa formação, e que papel têm essas mesmas instituições no processo de fortalecimento da Filosofia no Ensino Médio. (CAMPANER, 2012, p.30).

Verifica-se a partir de então, que a formação do professor de filosofia resulta de toda a formação de seu conjunto. Os cursos de filosofia, como os de graduação em geral, não oferecem ao graduando apenas uma formação técnica que depende da aquisição de certos conteúdos, mas os docentes transmitem a sua concepção didática indiretamente pela maneira como compreendem a área de conhecimento e a profissão. Diante disso, percebe-se que a formação do professor, em geral, é constituída por todos os docentes e por todo o trajeto anterior como discente, e não apenas pelas chamadas disciplinas pedagógicas.

O professor tem a tarefa de conduzir o seu aluno na direção da Filosofia, (DELEUZE 1998, *apud* CAMPANER 2012 p. 31) faz a seguinte colocação, “há no mundo alguma coisa que força a pensar”, e o que vem antes do pensar, “é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento”. É algo que toca o aluno, que o leva a mover-se em direção ao pensamento, visto que esse algo se apresenta a ele como um problema. Desta maneira, a função do professor é apresentar aos alunos prováveis problemas, impulsionando-os a elaborar, produzir um conceito que poderá ser o início da solução do enigma. No entanto, as respostas às questões filosóficas podem ser novas perguntas.

É importante que o professor esteja preparado para aceitar que os possíveis problemas apresentados por ele podem não ser bem recebidos. Seja porque o objeto não produziu o encontro, ou porque o modo de apresentá-lo não foi eficiente. O docente, por sua vez, precisa levar aos alunos meios para que estes entrem em contato com a questão filosófica presente em determinados assuntos.



Algumas estratégias podem ser utilizadas para sensibilizar o aluno, como música, literatura, cinema, notícia do momento e os próprios textos filosóficos. É fundamental que eles identifiquem questões filosóficas naquilo que lhes é próximo. Após essa introdução promovida pelo professor e que propicia a descoberta de problemas filosóficos em sua vida, os alunos poderão entrar em contato com textos de filósofos que abordem essas questões, cabendo aos educandos buscar soluções.

A formação do professor de Filosofia se dá, então, em toda a sua trajetória acadêmica, em todas as disciplinas cursadas, seja pelo conteúdo transmitido ou pelo modo como ele foi transmitido por seus professores. E esse aluno, quando se torna professor, repete em sala de aula aquilo que aprendeu – a forma e o conteúdo – e aprende na prática se essas estratégias funcionam sempre ou não. Na prática, ele desenvolve sua própria estratégia de ensino. O papel da didática deveria ser o de colocar essas estratégias em discussão, o de refletir sobre essas práticas, sobre a própria prática e discutir sua efetividade, não se restringindo à transmissão de formas prontas de ensinar. (CAMPANER, 2012, p. 33).

É fundamental o papel que a filosofia desempenha na formação do educador. De tal maneira que, a filosofia da educação tornou-se uma disciplina obrigatória no currículo mínimo dos cursos de Pedagogia. A existência dessa disciplina em tal currículo justifica-se não somente por sofisticação, mas por uma necessidade da própria reflexão humana do educador.

As questões antropológicas, epistemológicas e axiológicas devem ser colocadas pela filosofia da educação ao educar, recorrendo à filosofia social e à filosofia da história. Estes são alicerces últimos de toda reflexão sobre o realizar-se do homem, em uma abordagem similar à desenvolvida por Severino (1990) ao discutir as dimensões que constituem a análise filosófica da educação, na busca de uma visão integral de formação. Sendo assim, o educador não poderá realizar sua tarefa e dar a sua contribuição histórica se o seu projeto de trabalho não tiver essa visão de totalidade humana. Uma das funções da filosofia da educação é, justamente, colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de formação.

O grande desafio que se impõe aos educadores é de um enorme esforço para a articulação de um projeto histórico-civilizatório para a sociedade brasileira como

um todo, mas para isso é essencial que se analisem, com exatidão e profundidade, questões cruciais relacionadas à existência humana.

O processo de formação do docente está diretamente relacionado com a sua própria capacidade individual. Cada pessoa é de certa forma, responsável pela parte inicial da sua formação, isso não significa que a mesma seja sempre autônoma. Entretanto, é precisamente por meio da busca do próprio desenvolvimento que os professores encontram meios e contextos de aprendizagem que possibilitem seu aperfeiçoamento tanto no aspecto pessoal como no profissional.

Aprimorar-se como professor de filosofia requer um compromisso de aprendizagem contínua, para além dos conhecimentos teóricos da disciplina. É importante a participação efetiva do professor em seu próprio desenvolvimento, durante toda sua carreira docente, sendo requisito básico para ele se reconhecer como profissional e também comportar-se como tal no cenário social do século XXI, identificado pela ampla e aberta propagação do conhecimento por meio das mais variadas tecnologias.

É importante destacar ainda que, de acordo com as orientações curriculares (2006), o egresso do curso de Filosofia, seja ele licenciado ou bacharel, deve apresentar uma sólida formação em História da Filosofia. Esta formação deve capacitá-lo a compreender os principais temas, problemas e sistemas filosóficos, a servir-se do legado das tradições filosóficas para dialogar com as ciências e as artes, e refletir sobre a realidade. Por fim, precisa transmitir o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente.

Diante desse propósito é de se esperar que um profissional assim formado possa desenvolver no aluno do Ensino Médio, competências e habilidades semelhantes. Deste modo, são essas competências que terão importante papel formador nesta fase de ensino, remetendo novamente àquilo que torna o exercício da filosofia diferente do exercício das profissões das demais áreas do conhecimento, por mais que se assemelhem o recurso à tradição filosófica.

De acordo com Aranha (2006, p. 44) destacam-se três aspectos importantes na formação do docente: a qualificação, a formação pedagógica e a ética, que servirão de suporte para que seu trabalho desenvolva para além do senso comum e

se torne realmente uma atividade intencional. Durante a qualificação é essencial que o professor obtenha uma série de conhecimentos científicos imprescindíveis para o ensino de um conteúdo específico. Assim, busca-se certificar a habilidade do professor por meio da compreensão do conteúdo da área de atuação.

Na formação pedagógica é essencial que o professor, além de dominar os aspectos teóricos e os recursos técnicos, aprimore as habilidades que possibilitem a atividade docente, e agregue componentes que proporcione uma práxis educativa reflexiva.

A formação ética do professor possibilita ainda uma maior compreensão em relação ao que é significativo na aprendizagem, com o propósito de evitar o tecnicismo ou a manipulação do educando. Refere-se também ao fato de que o professor desenvolve uma tarefa intelectual transformadora: não se almeja apenas a mudança de comportamento do aluno, mas educá-lo para um mundo melhor. Cabe destacar a observação de Lipman:

De modo geral os professores devem ser ensinados exatamente pelos mesmos procedimentos que eles usarão em sala de aula. Se nelas são desejáveis as discussões e as aulas expositivas são detestáveis, então deveria haver nas escolas de educação o máximo de discussão e o mínimo de exposição. Se os professores das crianças devem encorajá-las a pensar por si próprias, então os professores de educação devem encorajar os professores graduandos a pensarem por si próprios. No entanto, assim como os professores não podem ser eficientes se antipatizarem ou se forem indiferentes as crianças, também não podem ser indiferentes à disciplina que ensinam. (LIPMAN, 1990, p. 45).

É oportuno ressaltar que o professor precisa exercer sua prática educativa com amor e compromisso, pois somente assim será capaz de redescobri-la a cada vez que colocá-la em prática. É através do prazer em redescobrir que surgirá um entusiasmo contagioso, comprometendo a todos os envolvidos no processo educativo, reconhecendo assim o estímulo para participar de uma experiência de entendimento ou de um encontro com o significado. O educando só irá ver a educação como uma grande aventura se o educador também compartilhar deste mesmo envolvimento.

### **2. 3 Contribuição da filosofia na prática docente**

Os professores de filosofia vivem hoje uma situação bastante desafiadora. Depois de décadas de debate, manifestações, congressos acadêmicos e lutas parlamentares, atualmente a legislação define a filosofia como disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Médio. Assim, o desafio do professor consiste em inventar uma prática de modo que o ensino da mesma faça sentido para os jovens alunos. Somente assim, a inclusão da disciplina nos currículos poderá efetivar-se e consolidar-se. Ao contrário, experiências negativas podem levar, em médio prazo, a uma nova retirada da mesma dos currículos, explicada pelo fato de a disciplina não ter conseguido revelar-se a que veio.

As ligações entre filosofia e educação aparentam naturais. À medida que a educação dedica-se ao progresso das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre como devem ser ou se desenvolver as gerações e as comunidades. Sendo a filosofia responsável por exigir a conduta do educador. Desse modo Luckesi (1995), afirma que:

Nas relações entre filosofia e educação só existem realmente duas opções: ou se pensa e se reflete sobre o que se faz e assim se realiza uma ação educativa consciente; ou não se reflete criticamente e opaca o existente na cultura da vida do dia-a-dia – e assim se realiza uma ação educativa com baixo nível de consciência. [...] Filosofia e educação, pois, estão vinculadas no tempo e no espaço. Não há como fugir dessa 'fatalidade' da nossa existência. Assim sendo, parece-nos ser mais válido e mais rico, para nós e para a vida humana, fazer esta junção de uma maneira consciente, como bem cabe a qualquer ser humano [...] (p.32-33).

Aliás, vale complementar que os objetivos da educação necessitam sempre compreender a formação de indivíduos conscientes, críticos e reflexivos. Fazendo-se necessário compreender as relações existentes entre educação e sociedade, isto é, a função da educação em relação ao grupo, para a efetuação de um ensino comprometida com esta sociedade.

Sendo assim, fica evidente que o ensino não deve tornar-se apenas uma transmissão de conhecimentos ou uma mera recepção de dados. É essencial que este ensino propicie a formação do indivíduo e não somente a informação. A disciplina de filosofia deve ser pensada a partir de atividades que dê destaque ao desenvolvimento do senso crítico, através de atividades críticas e criativas, caso contrário seria apenas um repasse de conteúdos.

Ao lecionar a disciplina, o professor não poderá contar com nenhum interesse prévio do aluno pela mesma, muito menos idealizar que eles sintam alguma necessidade do conhecimento filosófico. Vale lembrar que, além de não ser uma opção pessoal do estudante de nível médio cursar filosofia, durante seu percurso escolar o mesmo acaba sendo instigado a priorizar uma formação técnica-profissionalizante ou a preparação para prestar um exame vestibular. Desta forma, fica complexo atribuir significação à filosofia. Visto que, ela não é disciplina profissionalizante e nem tem sido, com exceções de algumas universidades, cursos matéria do vestibular.

O interesse pela reflexão filosófica, do mesmo modo que por qualquer outro assunto, só poderá ser despertado se os conteúdos expostos se manifestarem significativos para o sujeito da aprendizagem. Com o intuito de tornar o saber filosófico significativo, é necessário despertar e motivar interesse, concebendo estratégias didáticas capazes de estabelecer alguma forma de relação entre esse saber e as experiências pessoais dos alunos, que já são portadores ao adentrar-se na escola. Desta forma, tais experiências constituirão a base de equilíbrio das novas aquisições, sendo uma espécie de ponte cognitiva que lhe permitirá articular o significado de novos conteúdos conceituais adquiridos na escola.

Segundo Rodrigo (2009) a sensibilização do aluno para a filosofia, a possibilidade de que ele se torne receptivo a ela, não é uma tarefa fácil, mas também não é algo impossível. Parece que o desafio, inicialmente mais importante, consiste em descobrir orifícios, abertura, enfim, algum canal de acesso para ingressá-los no campo filosófico.

Diante disso, para que a atitude do educador seja entendida como filosófica, não é suficiente falar apenas sobre conceitos, mas torna-se essencial questionar o sentido e entender como os conceitos entre estas áreas de conhecimento relacionam-se e quais fatos expressam a produção de uma atitude pedagógica com finalidade reflexiva. Entende-se como de suma importância que o educador, enquanto filósofo da educação reflita sobre a problemática educacional no qual ele está inserido e que ele busque um significado existencial para sua prática.

## 2. 4 O professor que temos e o professor que queremos

A implantação de determinadas práticas de ensino depende, inicialmente, da concepção que se tenha do processo de ensino-aprendizagem em geral e do ensino de filosofia em particular. Ainda hoje, a perspectiva do ensino tradicional pauta-se por método centrado no ensino, entendido como instrução ou transmissão de conhecimentos referentes a uma tradição filosófica preexistente. Em oposição a esta postura, passou a ser enfatizada uma conduta pedagógica mais centralizada na aprendizagem, não apenas como obtenção de conteúdos, mas também como desenvolvimento de capacidades formais e habilidades intelectuais.

Ambas conduzem a práticas pedagógicas bem diferenciadas. A primeira remete a uma didática centrada na exposição do professor, seja a aula magistral ou a explicação de textos. A segunda metodologia refere-se ao processo ativo de construção do conhecimento, com base nas atividades do aluno, bem como na interação como professor e com os colegas de classe. De acordo com Rodrigo (2009) os professores depositam demasiada confiança na aula expositiva como exercício pessoal de reflexão diante dos alunos. Expressa uma crença didática muito antiga e arraigada na classe docente, segundo o qual o aluno aprende a filosofar ouvindo o mestre.

Isso não significa que a aula expositiva não agregue resultados positivos. Ao contrário, ela possibilita o envolvimento pessoal do professor com o processo educativo ao apresentar sua própria elaboração sobre o conhecimento filosófico, com isso evidencia formas de organização do pensamento a respeito de determinado tema, fazendo esclarecimentos e contextualizando a discussão, em resumo, orientando a aprendizagem. O problema é que essa técnica pode transformar o discente num receptor passivo da tradição filosófica.

Quando se coloca o estudante no centro da aprendizagem, se impõe a reflexão a respeito de quais os meios que se utiliza para aproximar-se do aluno e provocar nele o desejo de saber. No entanto, se o professor vê o aluno como pessoa passiva, carente de informações, superlota a lousa para transmitir informações descontextualizadas e sem fundamento nenhum, transformando-os em meros

expectadores de aulas maçantes e reprodutivistas, nas quais, o discente só pode reproduzir e não produzir, somente aceitar e não questionar.

O papel do professor durante a discussão é o de um questionador habilidoso. Uma discussão reflexiva não é tarefa fácil, pois demanda o envolvimento dos hábitos de ouvir e refletir. Os envolvidos na discussão devem tentar organizar seus pensamentos de modo a não devanearem sem um ponto concreto.

A filosofia é uma disciplina que leva em consideração formas alternativas de criar, falar e agir. A educação filosófica tem mais resultado quando incentiva e capacita as pessoas a se envolverem no questionamento crítico. É indispensável nesse processo um professor que seja provocativo, questionador e um grupo de estudantes preparados para discutir sobre algo que realmente interessem a eles.

Nesse sentido, espera-se que o profissional da educação seja um sujeito crítico, reflexivo, um intelectual transformador, capaz de compreender o contexto social-econômico-político em que vive. Ou seja, não se deve confundir o intelectual com o especialista em alguma área do conhecimento, mas sim ter em mente que ele é o sujeito capaz de ter uma visão do todo, além de estar comprometido com a ética e a política. Que ele então esteja atento à intencionalidade de sua ação, questionando continuamente seu saber e agir, articulando o conhecimento sobre educação com sua práxis educativa, com flexibilidade para inventar caminhos quando a situação concreta exige soluções criativas. Enfim, que participe ativamente no propósito da emancipação humana. (ARANHA, 2006, p. 47).

Diante disso, percebe-se que no momento atual, ser docente não significa apenas transmitir conhecimento, mas ter condições de refletir sobre sua trajetória e avaliar qual a melhor atitude a assumir em relação às suas dificuldades profissionais. As práticas docentes na disciplina de filosofia certamente exigem mudanças. No entanto, muitos professores enfrentam dificuldades para lidar com os problemas em aula: falta de interesse dos alunos, indisciplina, metodologia expositiva. Esses problemas podem ser considerados como necessidades formativas dos professores, o que implica a relevância de averiguar uma formação continuada.

É essencial que o professor não se sinta desanimado diante de tais situações e que tenha a capacidade de refletir sobre seu processo, mas também seja hábil para solucionar o problema do ensino de Filosofia em situações desfavoráveis e

diversas. Somente assim, ele poderá avaliar qual a melhor ferramenta de ensino para cada situação.

Cabe ao docente a importante função nas inter-relações escolares. É crucial estabelecer uma relação afetiva com seus alunos, percebendo que como aprendizes, eles também têm algo a oferecer e que a aprendizagem se faz por meio das interações que são estabelecidas. Por intermédio de suas atitudes, o professor oferece uma série de informações ao educando que irá contribuir no desenvolvimento de seu autoconceito. Contudo, as expectativas que o professor tem para com seu aluno poderá contribuir para o seu desempenho. Quando o estudante tem suas qualidades valorizadas pelo professor, tende a destaca-las cada vez mais, enquanto aquele que se sente excluído tende a se afastar do contexto em que está inserido e conclui suas expectativas de forma negativa em relação ao professor.

O professor como mediador do processo precisa auxiliar os educandos na construção de aprendizagens significativas e, para isso necessita atribuir um sentido pessoal à aprendizagem, para que eles consigam entender não apenas o que tem de ser feito, mas também por que e para quê. A participação ativa do estudante só acontecerá se estes sentirem que podem ter resultado em sua aprendizagem, e para isto devem ser propostas atividades que eles sejam capazes de solucionar com a ajuda necessária, e serem estimulados pelo esforço e não pelo resultado.

Para realizar a proposta de ensino com eficácia, o professor precisa conhecer as possibilidades de aprendizagem do aluno e suas características individuais, para que possa utilizar as ferramentas de ensino adequadas. O conhecimento será realizado por intermédio da interação e da comunicação, da observação constante de seus processos de aprendizagem e da reavaliação da proposta a cada nova fase do processo.

A reflexão sobre os problemas educacionais inevitavelmente nos levará à questão dos valores. Com efeito, se esses problemas trazem a necessidade de uma reformulação da ação, torna-se necessário saber o que se visa com essa ação e quais são os seus objetivos. E determinar objetivos implica em definir prioridades, decidir sobre o que é válido e o que não é válido. (SAVIANI, 2009, 43).

Diante dessas considerações, percebe-se a importância que a filosofia exerce na formação e na prática docente, sendo essencial a busca pelo conhecimento



filosófico, pois o mesmo auxiliará o educador plenamente na busca de respostas e de soluções durante sua prática educativa.

### **3 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA**

#### **3.1 Local da pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada no Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo e no Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente, ambos localizados na cidade de Posse, sendo que o questionário foi aplicado às turmas do 1<sup>a</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio, no período matutino. O número de alunos entrevistados na primeira escola totalizarem-se em 81, já na segunda foram apenas 61. Elaborou-se um questionário para os professores que ministram a disciplina de Filosofia nas escolas onde se realizou a pesquisa de campo, bem como em outras escolas, totalizando o equivalente a 5 entrevistados.

#### **3.2 Tipo de pesquisa**

A investigação se deu através da pesquisa de campo, sendo que os procedimentos utilizados foram a aplicação de questionários para professores e alunos, bem como a pesquisa bibliográfica como fonte de referências para a discussão e análise do tema abordado. Por meio das informações obtidas, foi feito um estudo exploratório, de natureza quantitativa. O instrumento de coleta de dados foi desenvolvido pelas pesquisadoras, sendo que o questionário aplicado aos alunos foi composto por sete questões e o questionário aplicado aos professores foi composto por seis questões.

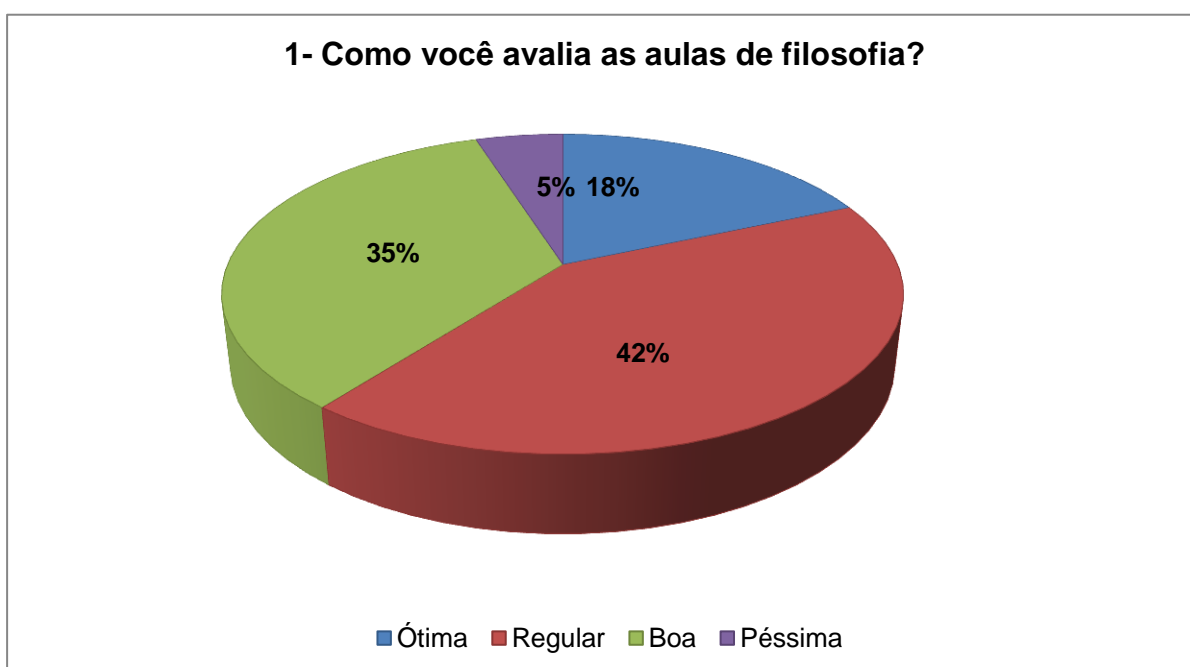
#### **3.3 Coleta de dados**

A coleta de dados em ambas as escolas ocorreram no dia 10 de Setembro de 2015. Foi entregue aos diretores das escolas uma solicitação de autorização para a pesquisa, juntamente com um anexo do questionário a ser aplicado. Houve a aceitação tanto dos gestores quanto dos professores, que estavam ministrando as aulas nas turmas a serem investigadas. As perguntas foram elaboradas de modo que não causasse nenhuma ambiguidade de sentido, portanto não houve nenhuma dificuldade dos alunos para respondê-las.

Os dados coletados foram analisados de forma quantitativa através do cálculo de percentual simples e representados em forma de gráficos para melhor visualização dos resultados. Objetivou-se identificar a opinião dos alunos em relação à disciplina de filosofia, tal como o posicionamento de alguns professores que ministram esta disciplina.

### 3.3.1 Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo – Colégio I

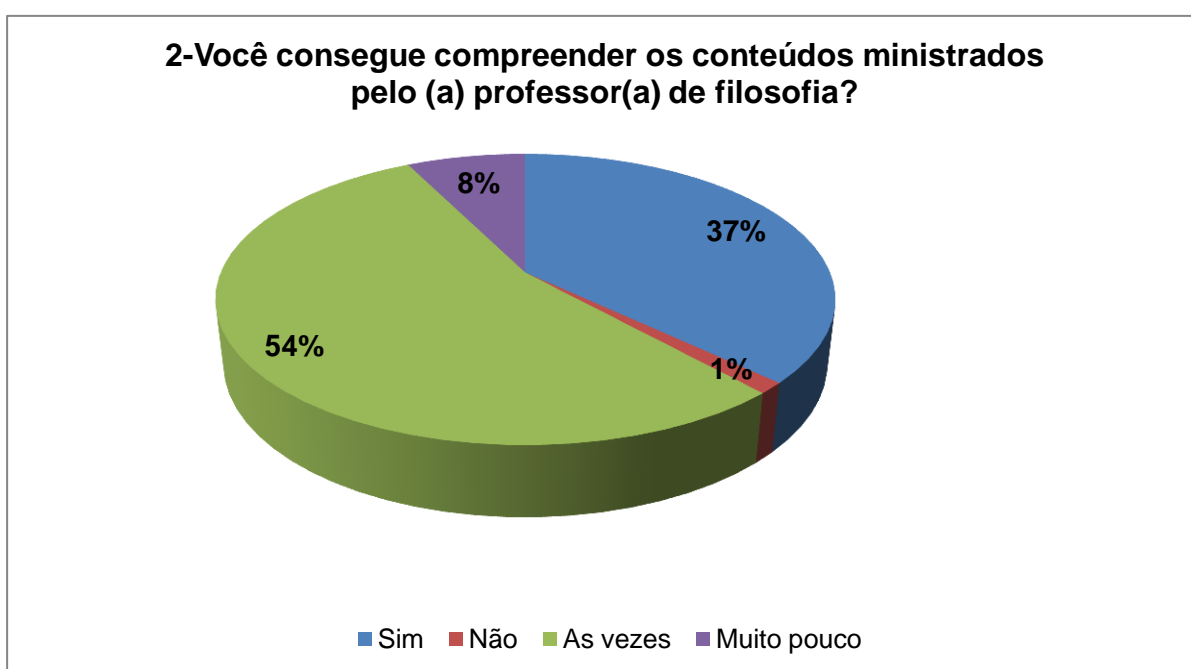
Com a aplicação do questionário no Colégio I foi possível coletar as seguintes informações:



**GRÁFICO 1: Avaliação das aulas de filosofia.**

No que se refere à avaliação das aulas de filosofia, 42% dos alunos disseram ser regular, 35% avaliaram como boa, 18% disseram ser ótimas e 5% afirmaram que estas aulas são péssimas. Este resultado de 5% se dá devido o desinteresse dos discentes em relação à disciplina. A maior dificuldade dos alunos é conseguir a extração de algum sentido em relação aos conteúdos ministrados, como será demonstrado nos gráficos seguintes.

O preconceito dos alunos está associado ao fato de muitos considerarem a disciplina como algo desnecessário, pouco prático, e ademais, as aulas se resumem à discussão de assuntos que não condiz com a realidade dos mesmos. O preconceito está inculcado na consciência de muitos jovens na escola pública, sendo este um problema que os professores têm de enfrentar e modificar, que é esse conceito errôneo que se tem da disciplina. A desmotivação do aluno é um dos problemas existentes no ambiente escolar e tem se tornado um fato rotineiro, que acaba afetando o processo ensino- aprendizagem.

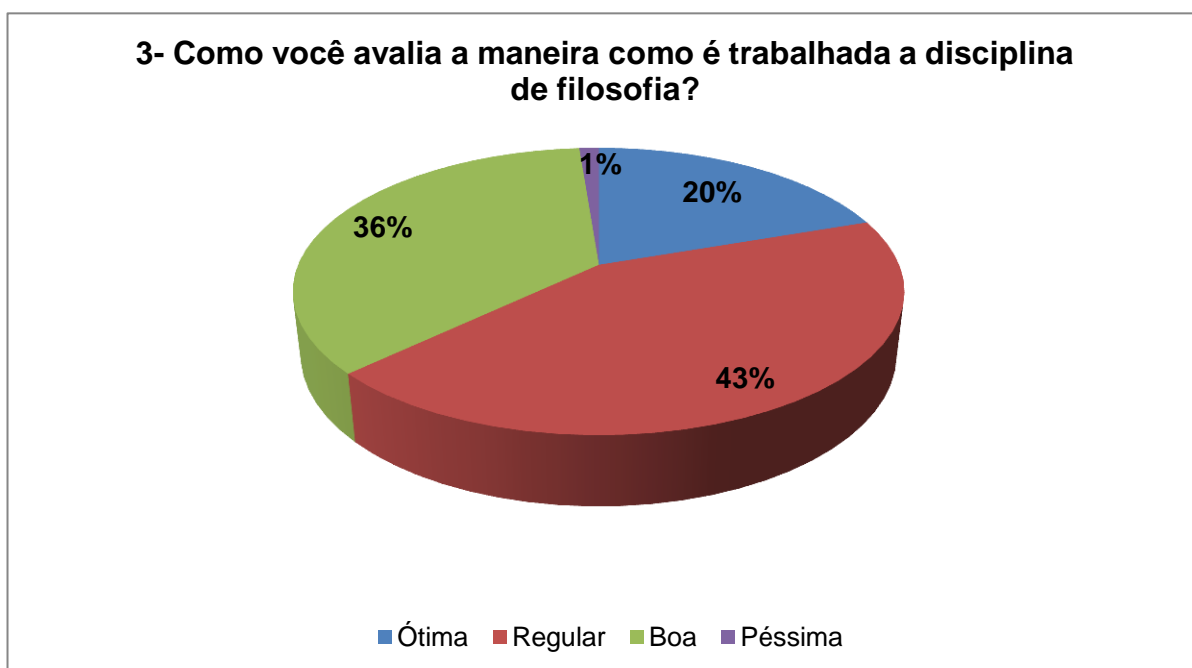


**GRÁFICO 2: Compreensão dos conteúdos ministrados pelo professor de Filosofia.**

De acordo com os dados do gráfico acima, dos 81 alunos entrevistados, 54% atestaram por vezes conseguir compreender os conteúdos ministrados pelo professor de filosofia, 37% afirmaram positivamente, 8% negaram e apenas 1% dos entrevistados afirmaram ter pouca compreensão em relação aos conteúdos ensinados. Constata-se, portanto, a deficiência do ensino- aprendizagem na disciplina filosofia.

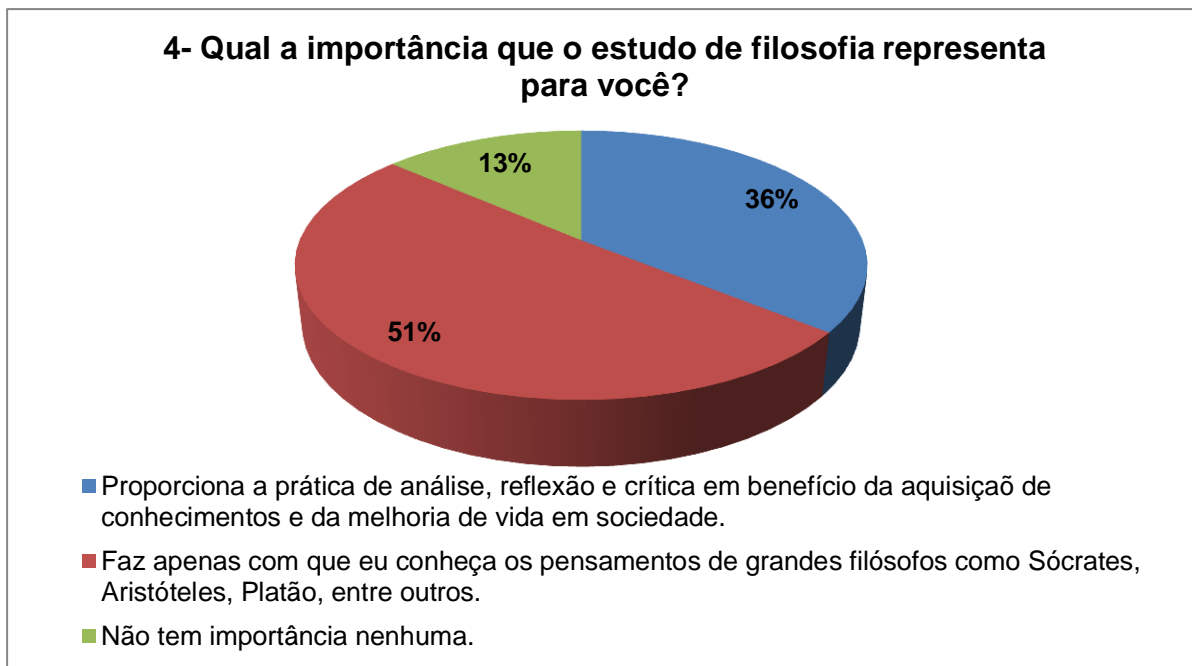
A carência se dá em virtude da escolha dos conteúdos, pois estes não estão sendo selecionados a partir da situação concreta e dos interesses dos alunos, impedindo-os de desenvolver a capacidade de refletir e problematizar sobre a

realidade, como se constatou nos gráficos seguintes. É necessário modificar as estratégias de ensino, principalmente quando se trata de desenvolvê-las com adolescentes que por vezes se encontram numa fase com aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais muito complexos, marcados, por um lado pela busca da autonomia, e outro, por oscilações e incertezas em relação ao futuro.



**GRÁFICO 3: Avaliação da maneira como é trabalhada a disciplina de filosofia.**

Conforme os dados do gráfico 3, dos alunos 81 alunos que responderam o questionário, 43% classificaram como regular a forma que o professor ministra a disciplina de filosofia, 36% avaliaram-na como boa, 20% classificaram-na como ótima e apenas 1% afirmou ser péssima. Através dos resultados obtidos, percebe-se um esforço do professor em tornar as aulas atrativas, principalmente quando procura envolver os alunos no diálogo, trabalhando com diversos recursos didáticos, o que torna as aulas mais dinâmicas. Porém, quando os assuntos abordados distanciam-se da realidade vivenciada pela turma, sendo trabalhados de forma descontextualizada, acaba resultando na repulsa do aluno pela disciplina.



**GRÁFICO 4: Importância que o estudo da disciplina representa para os entrevistados.**

Ao analisar o gráfico 4, pode-se verificar que 51% dos alunos afirmaram apenas aprender nesta disciplina os pensamentos dos grandes filósofos. Em contrapartida, 36% vêem o estudo de filosofia como algo que proporciona a prática de análise e reflexão. A minoria, 13%, não atribui nenhuma importância a esta matéria. Isso se dá devido o professor não está ministrando adequadamente os conteúdos. O docente de filosofia tem o importante papel de conduzir os alunos a um processo reflexivo, estimulando-os a pensar e a se questionar a partir da leitura, interpretação e compreensão de textos filosóficos.

Existe ainda certa resistência em relação à exploração destes textos, sendo que professor e aluno permanecem atrelados apenas ao estudo dos pensamentos de filósofos renomados. Dessa forma, não consegue desenvolver um raciocínio com coerência lógica, revelando a incapacidade de elaborar conceitos e a questionar situações rotineiras que ocorrem na sociedade, restringindo-se apenas ao senso comum. O fato de transformar as aulas numa mera história da filosofia ou na exposição das ideias dos principais pensadores e filósofos faz com que o caráter crítico da disciplina se perca, pois ela deve conduzir os alunos ao processo de construção de seus conceitos com base na própria criticidade.



**GRÁFICO 5: Recursos didáticos utilizados nas aulas de filosofia.**

Os dados apresentados no gráfico acima demonstram que o professor utiliza todos os recursos didáticos disponíveis para ministrar as aulas. Dos 81 alunos que responderam ao questionário, 62% confirmam o uso de todos os recursos citados (livro didático, quadro-branco e cópias impressas), 37% disseram ser utilizado apenas o livro didático e 1% diz ser utilizado somente o quadro branco. Porém, apesar do professor utilizar tais recursos, o gráfico 4 demonstra que o mesmo não sabe aproveitá-los de forma adequada, já que os conteúdos trabalhados estão desvinculados do propósito do ensino da disciplina, que é proporcionar a prática de análise reflexão e crítica em benefício da melhoria da sociedade.

Os resultados obtidos confirmam que ao selecionar, planejar e utilizar o material didático, independente de ser um material tradicional ou mais sofisticado e moderno, o professor deve analisar se realmente irá conseguir facilitar a aprendizagem do aluno.

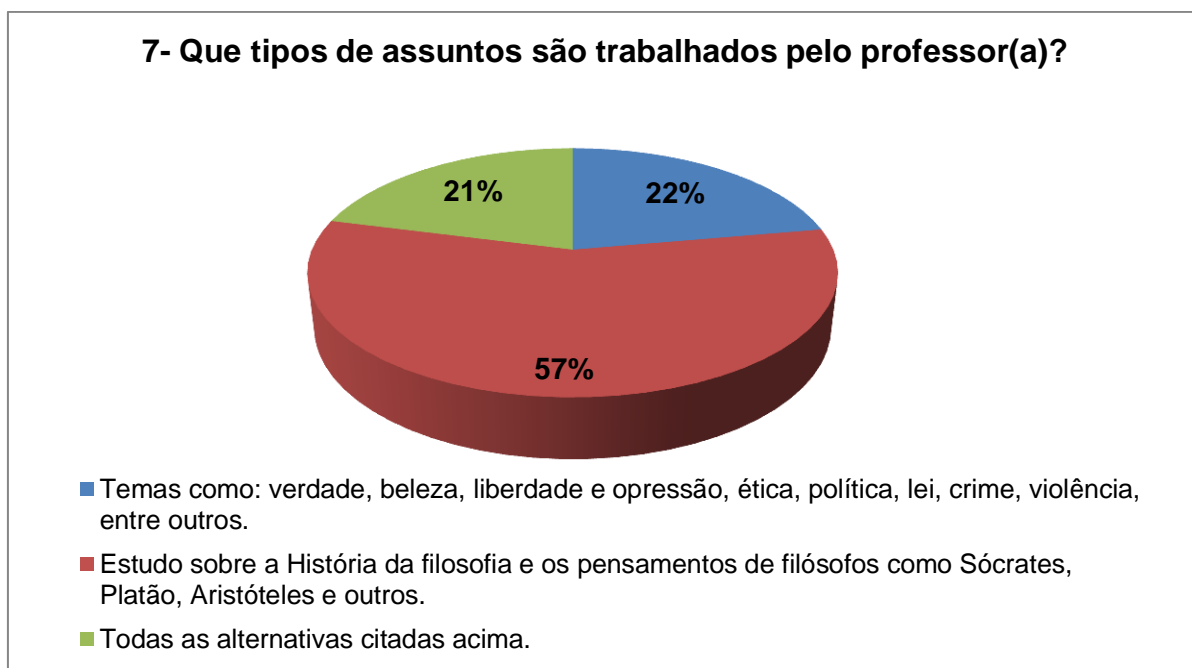


**GRÁFICO 6: Metodologia mais utilizada nas aulas de filosofia.**

Os dados apresentados no gráfico 6 correspondem à metodologia mais utilizada pelo professor (a) nas aulas de filosofia. Dos 81 alunos entrevistados, 55% responderam que a metodologia que prevalece no ensino da disciplina é a realização de debates ou diálogos entre professor (a) e alunos.

É importante ressaltar que a metodologia utilizada é adequada ao ensino-aprendizagem, pois favorece a socialização de ideias, o que contribui no aprimoramento dos conhecimentos da turma. Porém, pelas respostas apresentadas no gráfico 4, pode-se concluir que mesmo fazendo uso do método dialógico, recurso essencial que possibilita a exercício filosófico, ainda são muitas as dificuldades enfrentadas por professores e alunos na busca pela construção do conhecimento filosófico, que os impede de realizarem um aprofundamento no estudo da disciplina.





**GRÁFICO 7: Temas trabalhados nas aulas de filosofia.**

De acordo com os resultados apresentados, percebe-se que os conteúdos estão sendo ministrados de forma dissociada da realidade dos alunos, pois apenas 21% dos alunos responderam que eram trabalhados tanto os temas que envolvam a realidade, quanto a História da filosofia e os pensamentos dos filósofos. Entretanto, 57% responderam que são abordados apenas os temas relacionados ao estudo da História da filosofia e os pensamentos dos filósofos citados. Percebe-se então que durante as aulas não está havendo uma sensibilização do aluno para com os temas reais na sociedade.

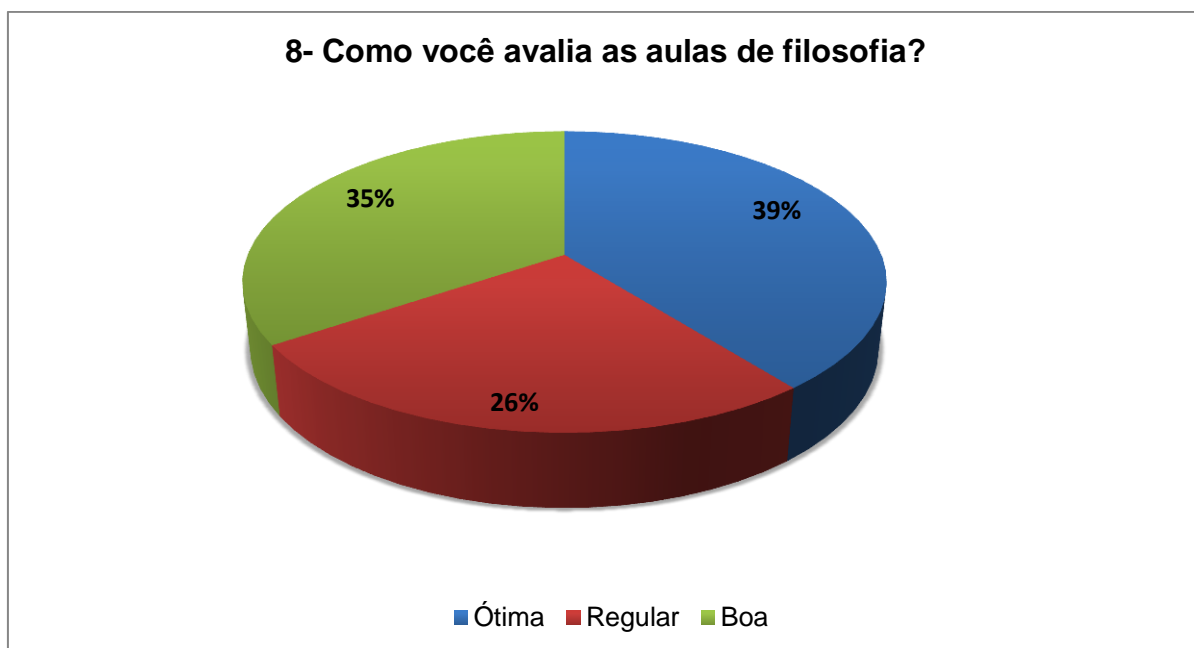
O que se espera do ensino de filosofia é que, primeiramente, haja a aproximação do aluno com a temática a ser trabalhada, para que ele possa perceber a necessidade de levantar uma problematização, onde posteriormente será posta em discussão. Após a aproximação do tema com o contexto do aluno, parte-se para a etapa dialógica e interrogatória, etapa esta que consiste em propor o diálogo dentro da sala de aula e o levantamento de questões, para então recorrer à atitude reflexiva que busca conhecer a origem dos problemas.

Esse é o momento que se deve ocorrer o posicionamento dos alunos em relação ao tema discutido, podendo acontecer de duas maneiras: ou os discentes podem apresentar suas interpretações, sejam contraditórias ou não, estabelecendo um diálogo entre seus colegas tendo sempre o professor como mediador do processo. Outra possibilidade é o professor optar por elaborar questões a partir das colocações feitas pelos alunos, com o intuito de analisar até que ponto eles conseguem sustentar ou defender suas posições.

A respeito do que foi dito, é necessário salientar a importância do docente em orientar seus alunos no sentido de apresentar-lhes os filósofos que se dispuseram a trabalhar com a temática abordada em sala de aula. Para que ocorra a leitura, a interpretação e a compreensão dos textos filosóficos pelos alunos. É imprescindível que o professor exponha concepções semelhantes de autores distintos, para que, a partir do embasamento extraído das ideias destes autores, os alunos se tornem capacitados a criar ou recriar conceitos que visem respostas condizentes ao tema referido. Neste caso, a história da filosofia, os pensamentos e concepções dos filósofos podem ser utilizados como referência as temáticas trabalhadas.

### **3.3.2 Colégio Estadual Professora Josefa Barbosa Valente – Colégio II**

Com a aplicação do questionário II, foi possível coletar as seguintes informações:

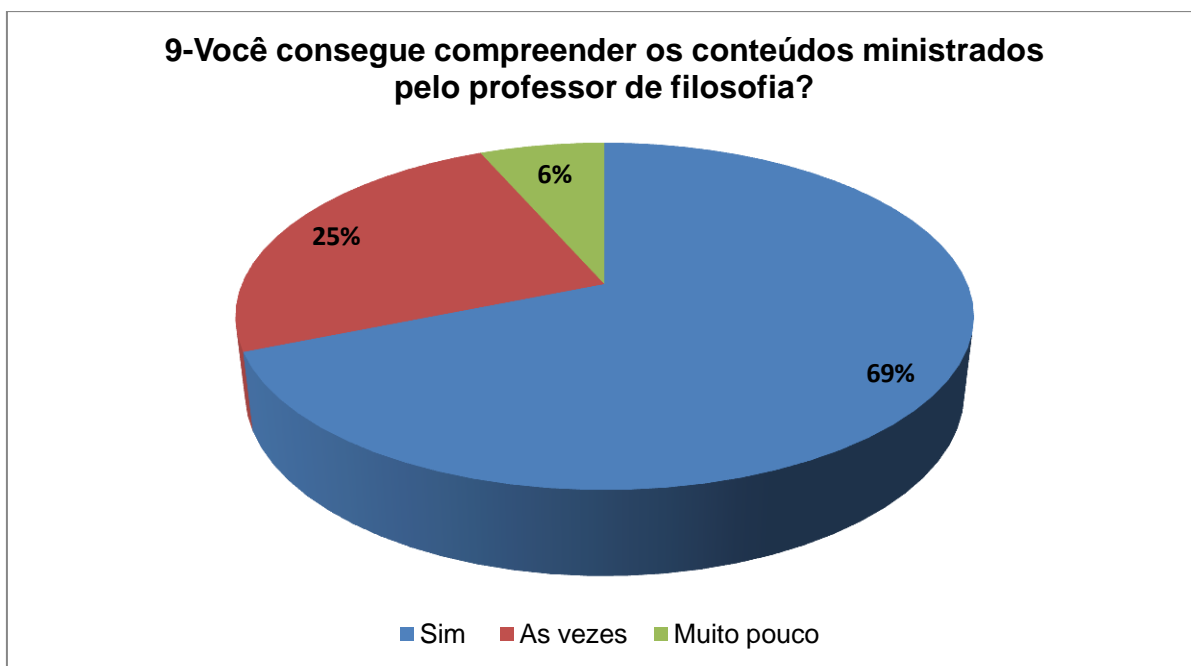


**GRÁFICO 8: Avaliação das aulas de filosofia.**

Conforme ilustra o gráfico, dos 61 alunos entrevistados, 39% afirmam que as aulas de filosofia são ótimas, enquanto 35% do total consideram as aulas como boas, e uma parcela um pouco menor, 26% avaliam as aulas da disciplina de forma regular. Diante desses dados percebe-se que as aulas da disciplina em análise na sua maioria são classificadas como ótima, e uma parcela significativa analisaram-na como regular, e outra quantidade um pouco menor classificaram-na como boa.

A partir de então, compreende-se que os dados em análise ficaram praticamente iguais. Contendo uma diferença mínima entre as respostas. Isso ocorre, porque atualmente um dos grandes desafios enfrentados pelo professor é descobrir um método de ensino de filosofia que faça sentido para estes jovens, de forma a despertar o interesse dos mesmos pela disciplina.

A imparcialidade dos alunos está associada ao fato dos mesmos avaliarem a disciplina como algo desnecessário, sem significados. Diante disso, percebe-se a urgente necessidade de conceber estratégias didáticas capazes de estabelecer alguma forma de relação entre o saber filosófico e o saber pessoal do estudante. Somente assim, o mesmo compreenderá a necessidade dos conteúdos filosóficos para sua atuação como intelectual transformador na sociedade.

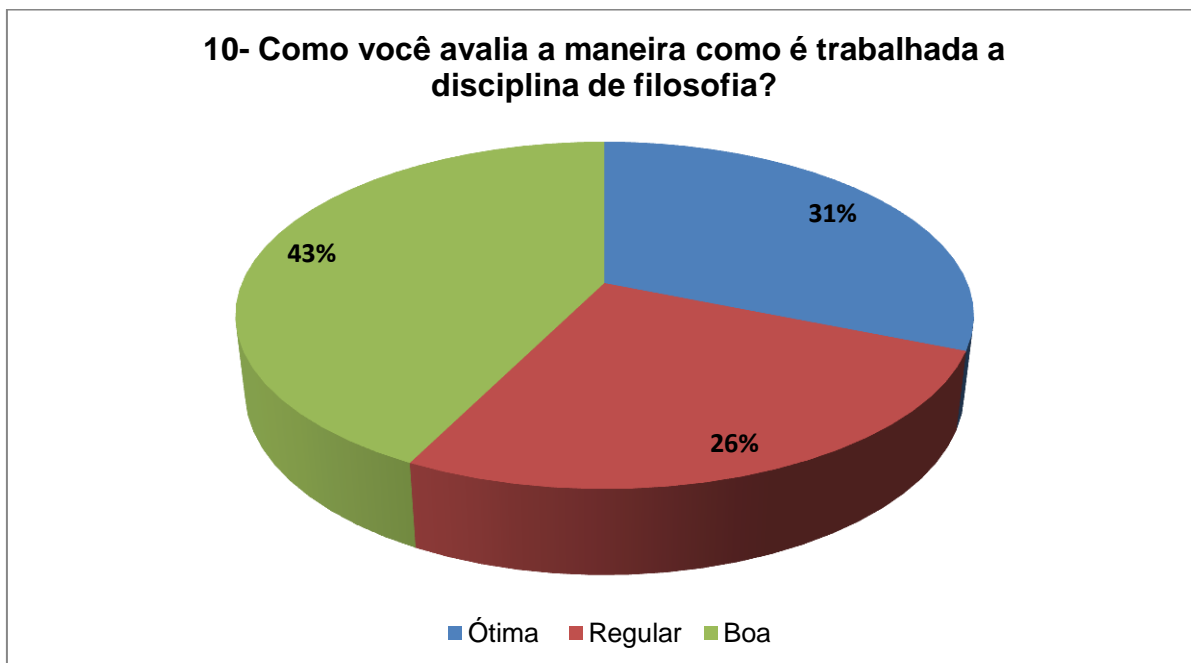


**GRÁFICO 9: Compreensão dos conteúdos ministrados pelo professor de filosofia.**

Ao serem questionados a respeito da compreensão do conteúdo fornecido pelo professor de filosofia, 69% afirmaram compreender os conteúdos. Enquanto 25% atestaram que apenas às vezes conseguem compreender os conteúdos ensinados. Um pequeno número de alunos, 6%, afirmaram assimilar muito pouco os conteúdos em análise. Após o resultado percebe-se que foi unânime a quantidade de alunos que afirmaram compreender os conteúdos explicados pelo professor de Filosofia.

Diante dessas informações, é indispensável ressaltar o relato dos alunos sobre os assuntos trabalhados pelo professor, que são apenas relacionados à História da Filosofia e os pensamentos de filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e outros. A partir de então, percebe-se que ao serem questionados a respeito dos conteúdos trabalhados durante a aula de filosofia, os alunos ficam retidos apenas aos conteúdos retratados no gráfico 7. Existindo assim um risco de tornar a aula de filosofia em uma mera História da Filosofia ou das ideias dos principais pensadores e filósofos. Pois, o caráter crítico da filosofia deve levar os alunos ao processo de elaboração de seu autoconceito, com base na própria

criticidade e, assim, não correr o perigo de tornar a disciplina enfadonha e dispensável por parte dos alunos.

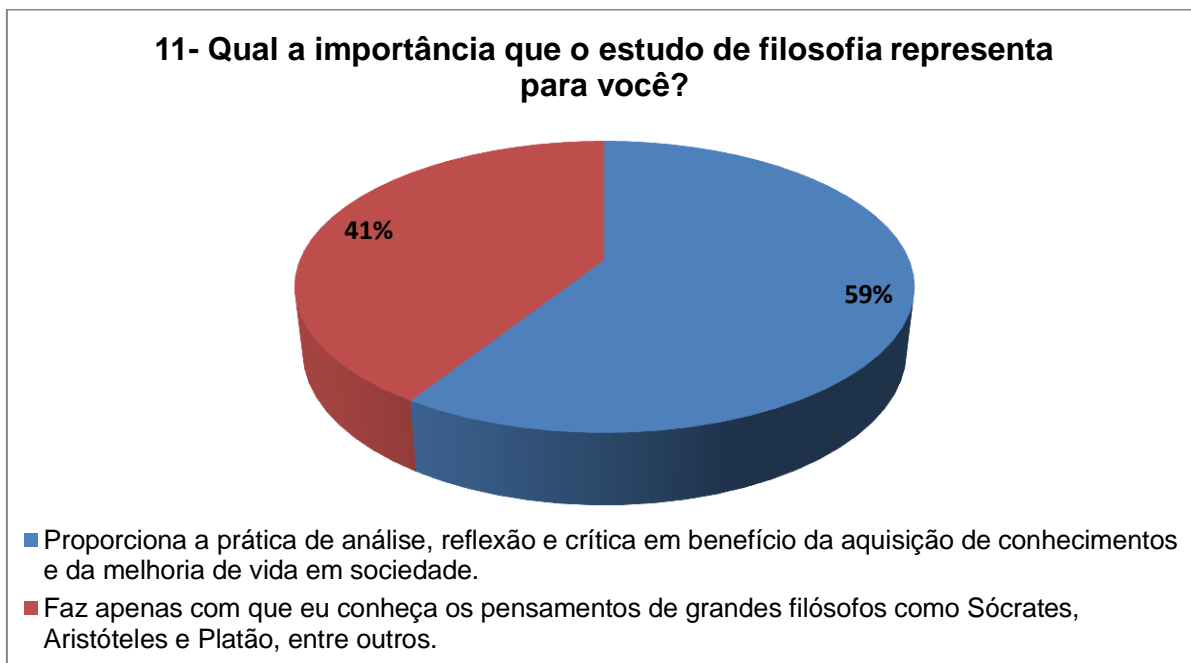


**GRÁFICO 10: Avaliação das aulas de filosofia.**

Dos 61 alunos entrevistados, 43% avaliam como sendo boa a maneira como é trabalhada a disciplina de filosofia. Sendo que um número expressivo de alunos, 31% afirmam serem ótimas, e 26% consideram-na regular. Após obter os resultados, fica evidente que a maioria dos alunos acredita que as aulas de filosofia podem ser mais bem aproveitadas. Visto que, isso se dá devido à falta de professores preparados para ministrar eficazmente as aulas de filosofia, e como consequência disso geralmente ocorre à desvalorização da disciplina, tanto pelos próprios professores, quanto pelos alunos e até mesmo pela escola.

Os alunos geralmente encontram dificuldades para interpretar um texto filosófico, por mais simples que seja principalmente se o professor pedir para que os mesmos comentem a respeito do texto, com base em sua compreensão. Desta forma, observa-se a enorme complexidade de elaborar um pensamento coerente, e, frequentemente o aluno expressa-se com um “eu acho”, revelando assim uma ineficiência de pensar com conceitos, ficando preso apenas ao senso comum. Por

isso, é essencial que para ministrar qualquer disciplina o professor seja qualificado na área de atuação, com o propósito de desenvolver o seu trabalho com eficiência.

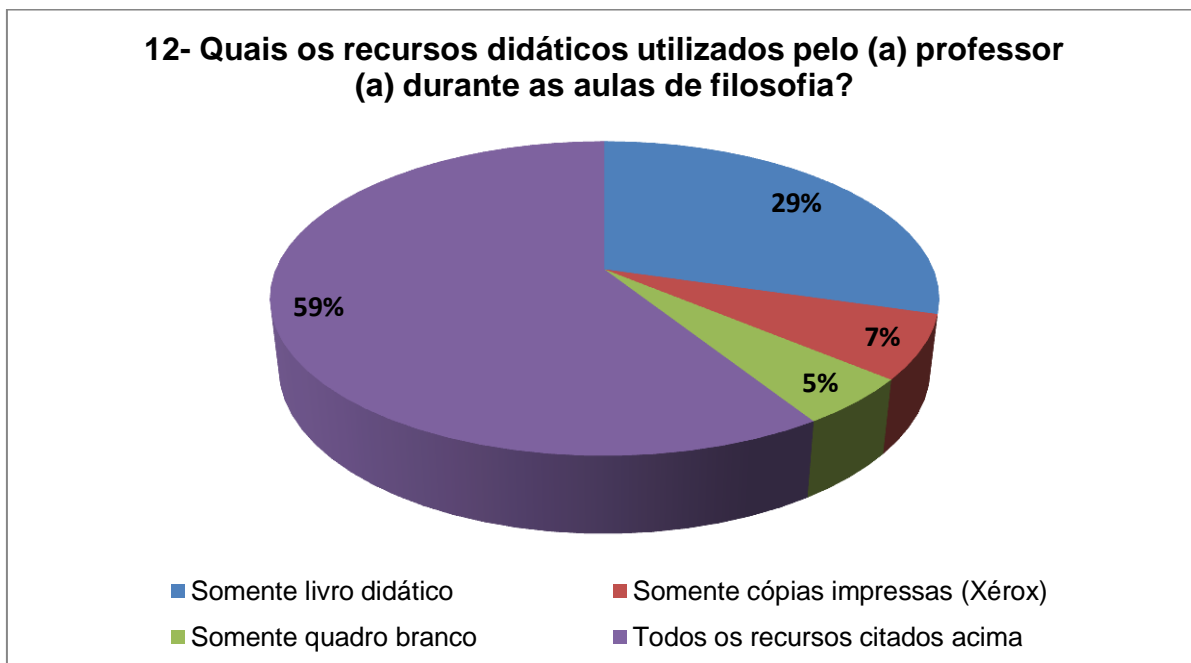


**GRÁFICO 11: Importância que o estudo da disciplina representa para os entrevistados.**

Conforme elucidado no gráfico acima, dos 61 entrevistados, 59% dos alunos afirmam que o estudo de filosofia representa para eles a prática de análise, reflexão e crítica em benefício da aquisição de conhecimentos e da melhoria de vida em sociedade. Uma quantidade relevante de alunos, 41%, acredita que o estudo de filosofia faz apenas com que eles conheçam os pensamentos de grandes filósofos. Presume-se então que os alunos têm consciência da contribuição que o estudo de filosofia produz. Diante disso, percebe-se que o estudo é reconhecido por parte do alunado. No entanto, outro grupo com quantidade expressiva de alunos infelizmente ainda não compreende quais são os objetivos do estudo da disciplina em análise.

Diante de tal afirmação, é crucial que o professor esclareça para seus alunos quais são os objetivos da disciplina, para que os mesmos tenham consciência das contribuições que esta trará para suas vidas. E para que isto ocorra, é necessário que o docente consiga despertar nos discentes o interesse pela disciplina,

demonstrando que esta é interdisciplinar. O educador tem a missão de tornar as suas aulas mais atrativas, com o intuito de estimular nos alunos o desejo do saber.



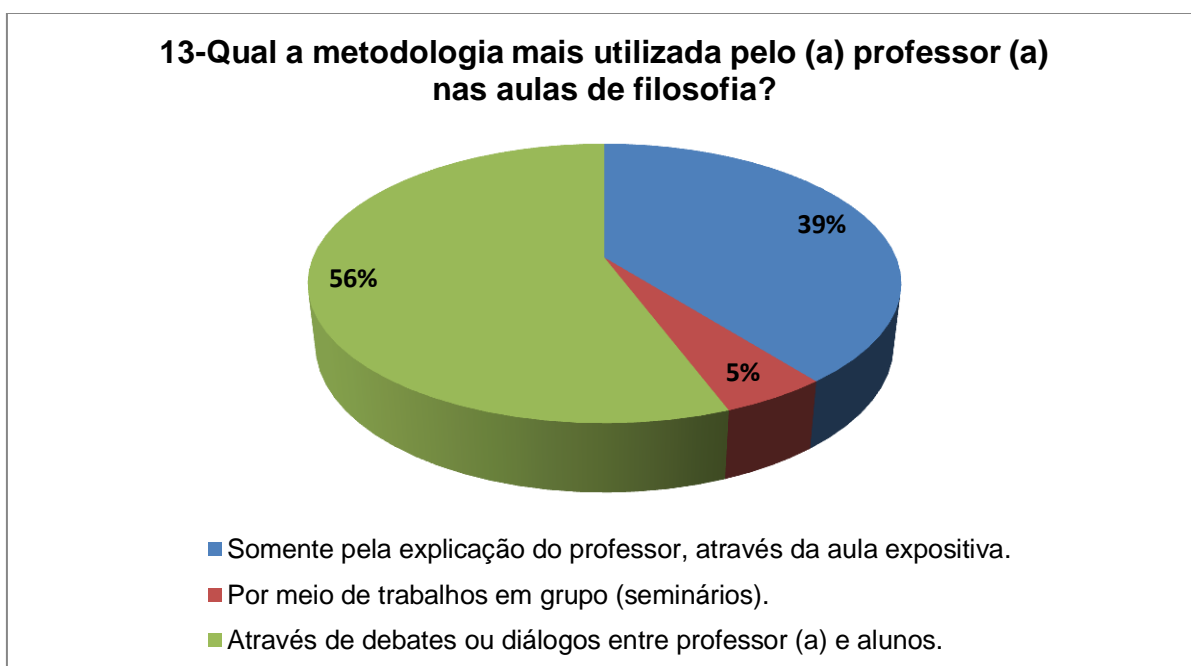
**GRÁFICO 12: Recursos didáticos utilizados nas aulas de filosofia.**

Conforme podem ser analisados no gráfico acima, 59% dos entrevistados evidencia que o professor dispõe de todos os recursos citados acima. Enquanto 29% afirma que o professor utiliza como recurso apenas o livro didático. Apenas 7% disseram serem utilizadas somente cópias impressas como recurso didático e 5% atesta ser usado apenas o quadro branco.

Diante dessas informações, vê-se o esforço feito pela professora para trabalhar de maneira dinâmica os conteúdos de filosofia. No entanto, como foi relatado pela própria professora, um dos grandes desafios enfrentados para lecionar é a falta de materiais e livros didáticos, pois somente esse ano foi que a escola recebeu alguns livros didáticos de filosofia. Neste caso, percebe-se a dificuldade para manter as aulas dentro do objetivo pensado e proposto, sendo que alguns fatores externos afetam a realidade escolar.

Diversas são as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar atualmente, não só por professores, mas também por alunos. Por esse motivo, é necessário que

o professor esteja consciente de que não se trata de uma tarefa fácil, e que não pode desmotivar-se, caso não consiga atingir os seus objetivos em todas as aulas. Por isso, é essencial uma boa preparação docente para que o mesmo saiba agir diante das diversas situações vivenciadas.



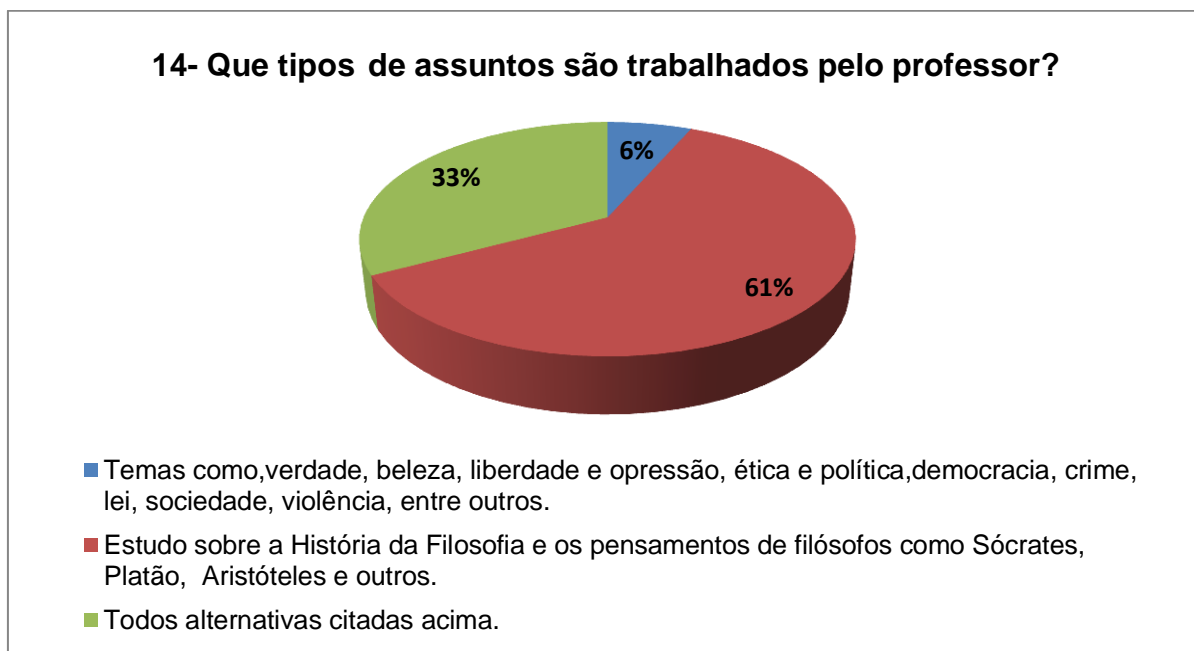
**GRÁFICO 13: Metodologia mais utilizada nas aulas de filosofia.**

De acordo com os dados apresentados no gráfico acima, correspondente à metodologia mais empregado pelo professor, 56% afirmaram que a metodologia mais utilizada é o debate e diálogos entre professor e aluno. À medida que 39% informam que a metodologia mais usada é a aula expositiva. E apenas uma pequena porcentagem de 5% relata que o professor trabalha por meio de seminários. É importante destacar que, um método de ensino bem elaborado irá contribuir de forma significativa com o desenvolvimento da aula.

Isso requer uma atenção especial do professor na escolha de conteúdos que sejam interessantes para os alunos, que façam parte da vivência cultural desse estudante, levando-os a refletirem sobre seu papel na sociedade. De forma que os mesmos sintam-se entusiasmados diante de tais materiais didáticos. Sendo necessário adequar cada conteúdo ao contexto vivenciado por eles, a fim de iniciar-se a busca de questionamentos, sentido ou significação. É essencial que o aluno



aproveite as ferramentas que os classifiquem como agentes de sua própria história, dispondo-se da intelectualidade, para questionar as justificativas oferecidas pelo poder instaurado. Essas ferramentas devem ser oferecidas pela Filosofia, desde que sejam utilizadas de forma adequada a metodologia.



**GRÁFICO 14: Temas trabalhados nas aulas de filosofia.**

Segundo as informações colhidas, a maioria dos alunos entrevistados, 61%, declarou que os assuntos trabalhados pelo professor de filosofia são sobre o estudo da história da filosofia e os pensamentos de filósofos conceituados. Sendo que, 33% afirmaram que são trabalhados todos os recursos acima. Enquanto uma pequena parcela de alunos, 6% relatou que são trabalhados temas como verdade, beleza, liberdade e opressão, ética e política, democracia, crime, lei, sociedade, violência, entre outros. Percebe-se que, infelizmente, o professor não está trabalhando com temas que está próximo da realidade desses estudantes.

Diante do que foi exposto, notou-se que se o professor não fizer um paralelo entre o conteúdo exposto e entre os acontecimentos reais da atualidade, em curto prazo esses alunos estarão totalmente desmotivados. Uma vez que, o papel do professor é estimular o aluno a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, de forma a compreendê-lo e, depois disto, buscar descobrir o seu papel social.<sup>3</sup> 4 Questionário aplicado aos docentes de filosofia.

Com o intuito de complementar esta pesquisa, foram aplicados questionários há 5 docentes que atuam nos colégios pesquisados. O questionário aplicado aos professores que ministram a disciplina de filosofia foi de suma importância. Todos os profissionais solicitados a responder o questionário o fizeram, não havendo nenhum docente que se recusou a contribuir nesta pesquisa. Logo, seguem-se abaixo as informações obtidas a partir do questionário.



**GRÁFICO 15: Tempo de trabalho como docente.**

Conforme os dados apresentados no gráfico acima, dos 5 docentes entrevistados, 40% afirmam ter entre 7 e 10 anos que atuam nesta área, e os outros 60% escolheram a opção outros. Logo, percebe-se que boa parte dos docentes já atua em sala de aula em um período de tempo significativo. Dos três docentes que escolheram a opção “outros”, as respostas dadas foram as seguintes:

Professor I: “Leciona em um período de 16 anos”.

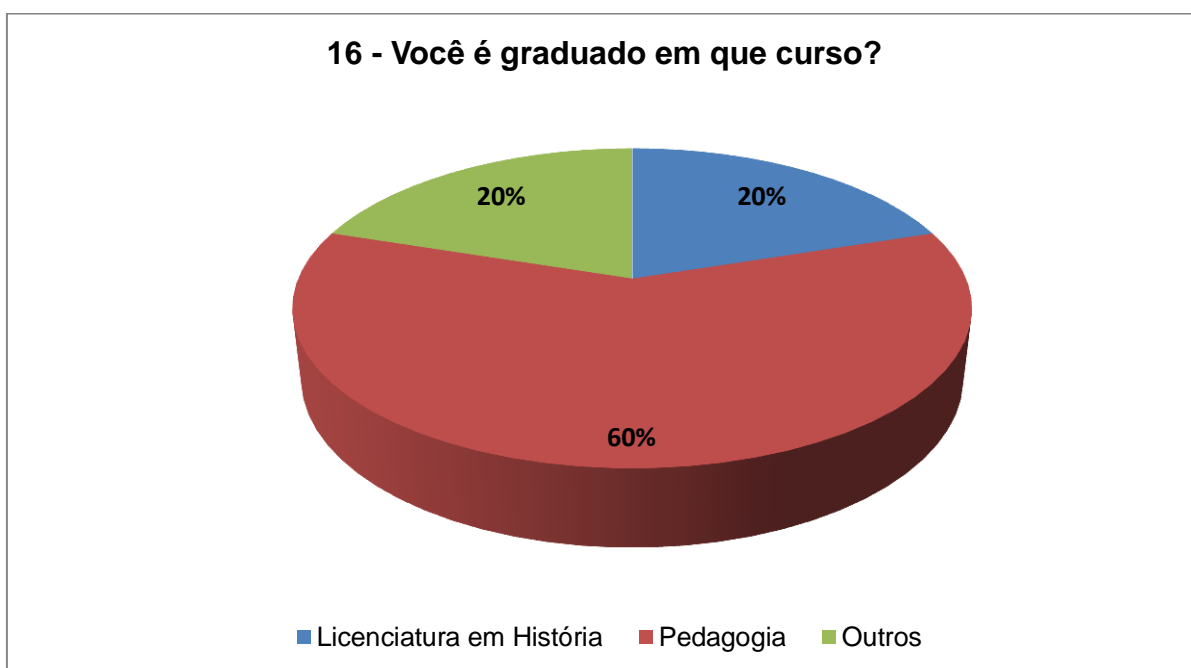
Professor II: “Trabalha também há 16 anos”.

Professor III: “Atua em sala de aula há 8 meses”.

Observa-se, de modo geral, que todos já possuem experiências em relação à prática docente. Somente o professor III possui um período menor de atuação. O

contato com os alunos, colegas de trabalho e com os demais agentes escolares, proporcionou muitas aprendizagens. Entre elas, a aquisição de saberes sobre como agir em diversas situações, trabalhar determinados conteúdos, explorar o livro didático, abordar um conteúdo, extrair do programa os conteúdos relativos à aprendizagem dos alunos, entre outros.

É essencial que o professor não se acomode devido aos anos de experiência, pois a realidade escolar deve modificar-se com o tempo. Se o professor não procurar aprimorar-se para se enquadrar nessa realidade, desenvolvendo novas metodologias, que condizem com a realidade dos jovens, em curto prazo, os alunos classificarão as suas aulas como enfadonhas e arcaicas. Em consequência, o aprendiz sentir-se desmotivado em relação à disciplina.



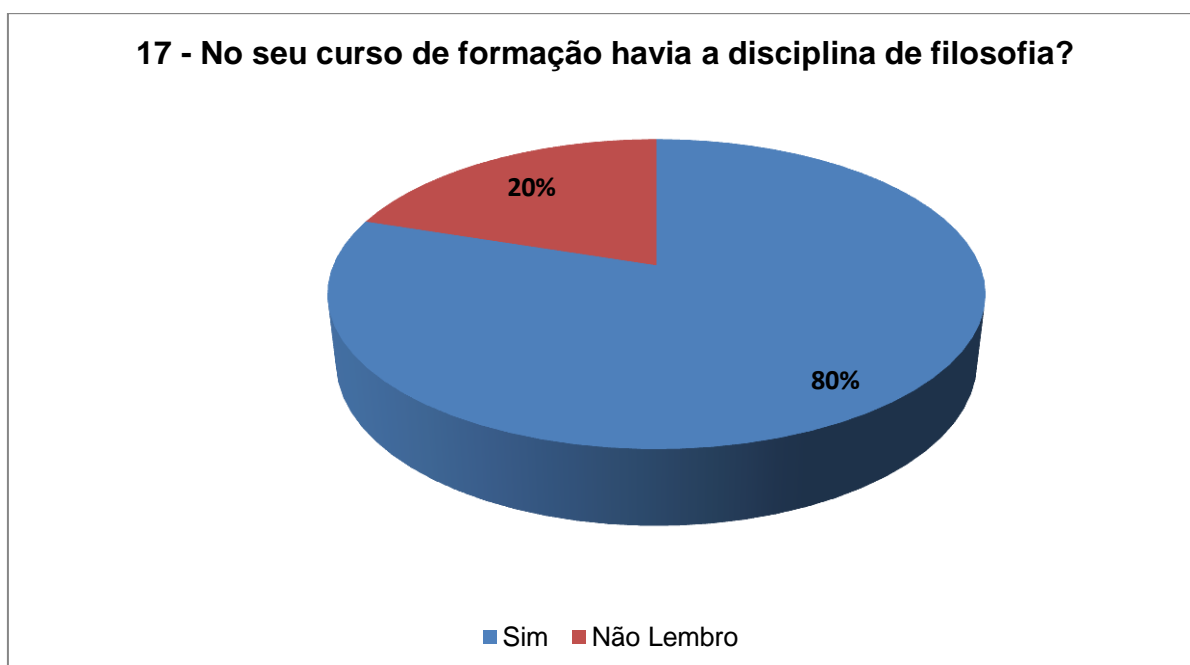
**GRÁFICO 16: Graduação do professor entrevistado.**

Conforme elucidado o gráfico acima, dos 5 entrevistados, observa-se que, de forma geral, os docentes não são graduados na disciplina de Filosofia. Dos entrevistados 60% são graduados em Pedagogia, 20% em História e 20% afirmaram a opção “outros”. A resposta referente ao único professor que escolheu a opção em destaque é a seguinte:

Professor I: “Graduada em Licenciatura em Matemática”.

Infelizmente os dados obtidos fazem parte do cenário educacional do país, em que professores formados em outras áreas de conhecimentos atuam em outras disciplinas, sem possuir qualificação necessária para lecionar. É fundamental que o docente adquira uma formação acadêmica de qualidade, pois desta forma o mesmo irá dispor de uma ampla gama de conhecimentos teóricos e práticos, que os levam à construção de uma base para a atuação no seu campo de trabalho.

Desta maneira, espera-se que o futuro profissional tenha uma sólida formação humana e que todo o conhecimento por ele adquirido possa ser compartilhado, a fim de gerar novos conhecimentos e saberes. O professor, como todos os profissionais, necessitam estar em constante atualização, uma vez que a sociedade está sempre em transformação. Cabe ao professor manter-se qualificado para que possa atender as necessidades de seus alunos, bem como da sociedade em que está inserido. Isso porque, o mercado de trabalho busca profissionais qualificados, flexíveis e dispostos a enfrentar os desafios educacionais, visando sempre a melhoria.

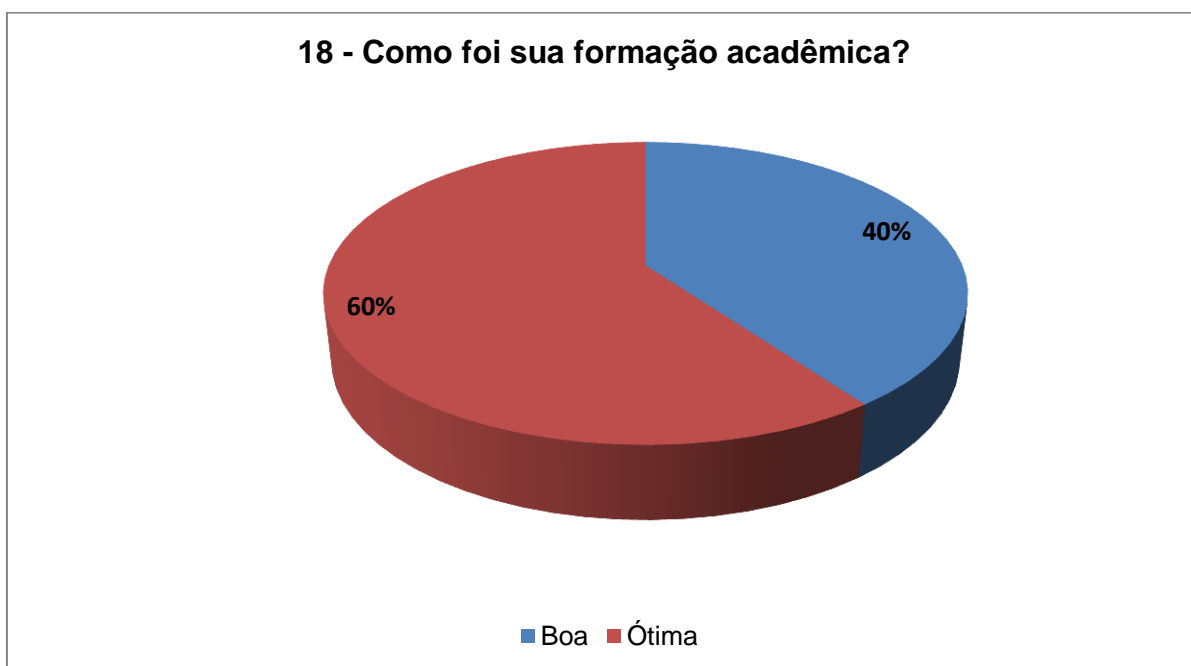


**GRÁFICO 17: Filosofia no curso de formação docente.**

Segundo as informações colhidas, 80% afirmaram que havia a disciplina de filosofia no seu curso de formação. Enquanto apenas 20% relataram não se lembrar.

A partir desses dados, percebe-se que a maioria dos docentes entrevistados possuía a disciplina de filosofia no seu curso. No entanto, isso não é requisito suficiente para que o mesmo atue na disciplina em análise. Visto que, em qualquer área de atuação, o conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita o indivíduo para o exercício de sua profissão, que o torna capaz de desenvolver todas as suas funções. Esse conhecimento constrói-se na formação inicial e continuada e é aprimorado na prática diária de sua profissão.

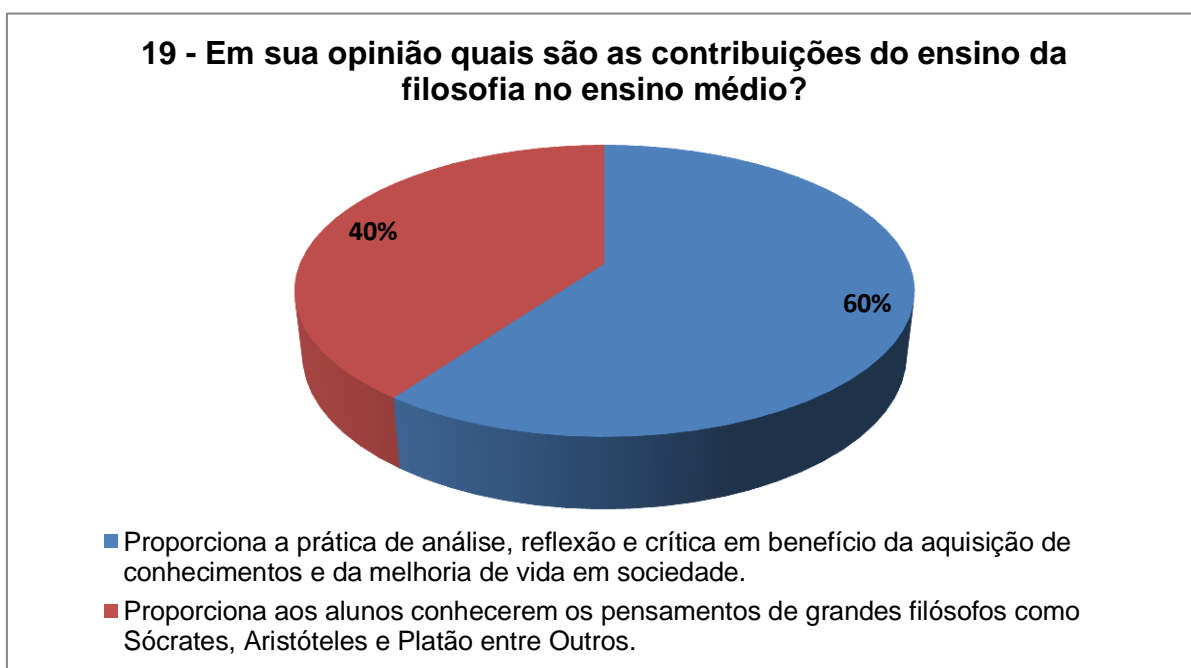
A falta de professores preparados para ministrar eficientemente as aulas de filosofia é enumerada como fator determinante para a desvalorização da disciplina. Além disso, o descaso de muitos professores e da própria escola com a disciplina, julgando-a sem importância e até desnecessária, geralmente ao destinar professores de outras áreas para ministrarem as aulas de filosofia, por não ter docentes preparados, resulta assim em aulas deficitárias. Sendo também imprescindível que o professor tenha conhecimento teórico na área que atua, pois este o ajudará a ter um olhar crítico para a sociedade do qual faz parte, atuando e intervindo de forma significativa sobre a mesma.



**GRÁFICO 18: Avaliação da formação acadêmica.**

Ao serem questionados a respeito da sua formação acadêmica, 60% dos docentes avaliaram-na como sendo ótima e 40% afirmaram ter sido boa. Diante desses dados, percebe-se que as respostas condizem com a formação na área de conhecimento dos mesmos. E não, na disciplina em destaque.

Não é suficiente acreditar que obteve uma ótima formação, se o professor não estiver sempre em busca do seu aprimoramento profissional e intelectual. Compreender a formação docente incide na reflexão fundamental de que ser professor é ser um profissional da educação que trabalha com a formação de cidadãos. Essa percepção induz este profissional de educação a um processo permanente de formação, na busca constante do conhecimento por meio dos processos que dão suporte à sua prática pedagógica e social.



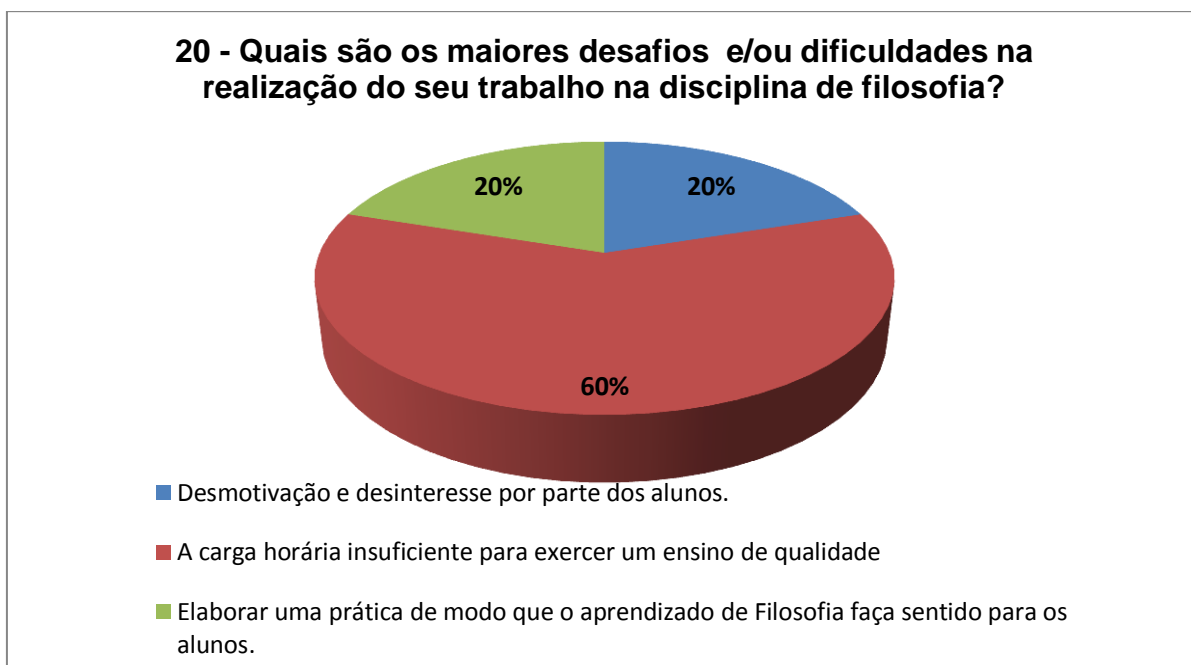
**GRÁFICO 19: Contribuições do ensino de filosofia no ensino médio.**

Dos docentes entrevistados, 60% avaliaram que as contribuições do ensino de filosofia proporcionam a prática de análise, reflexão e crítica em benefício da aquisição de conhecimentos e da melhoria de vida em sociedade. Enquanto 40%

classificaram que o ensino de filosofia proporciona aos alunos conhecerem os pensamentos de grandes filósofos como Sócrates, Aristóteles, Platão, entre outros.

A maioria dos professores entrevistados tem consciência das contribuições concedidas pela filosofia. No entanto, uma parcela significativa respondeu que o estudo da mesma possibilita aos alunos conhecerem os pensamentos de grandes filósofos. A partir dessas afirmações, percebe-se que os docentes em análise ainda não compreendem o principal objetivo da filosofia, que é estimular o pleno desenvolvimento social, afetivo e cognitivo do aluno.

É importante que o professor priorize temas que favoreça a formação de jovens capazes de desenvolver seu próprio pensamento crítico, tornando-os capacitados para enfrentar as diversas situações que poderão surgir em suas vidas. Visto que é fundamental aos professores delimitarem o tema de estudo para que os alunos consigam compreendê-los de maneira mais simples e façam da construção do conhecimento um momento mais produtivo e agradável.



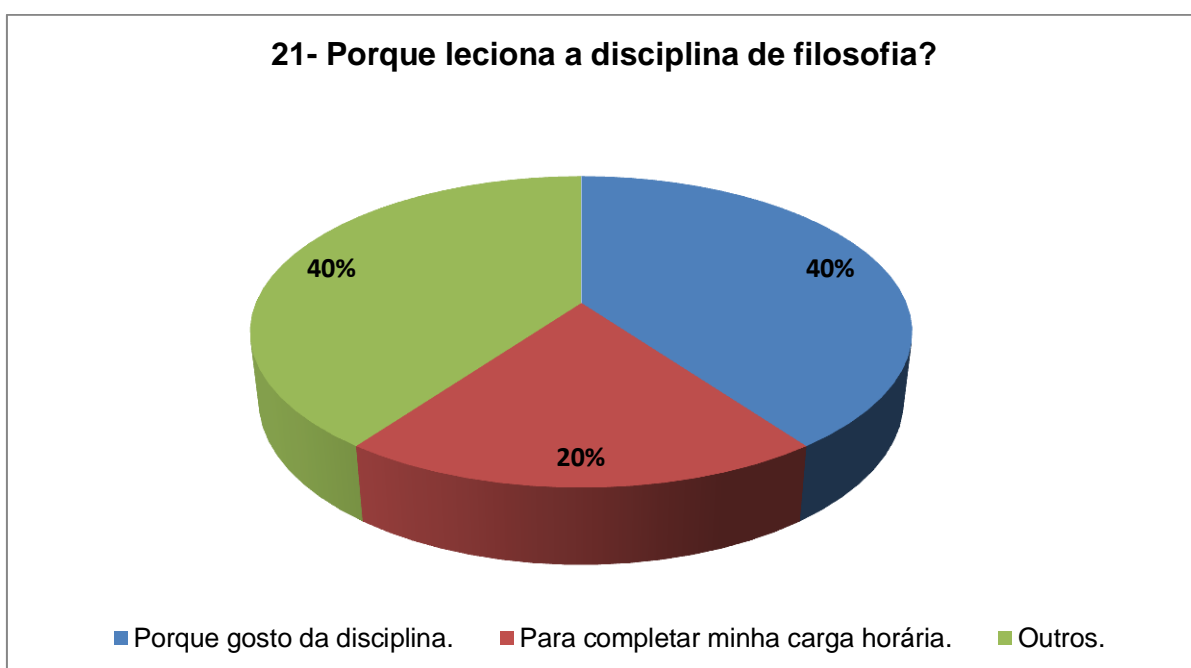
**GRÁFICO 20: Desafios e dificuldades na realização no ensino de filosofia.**

Dos 5 entrevistados, 60% acreditam que a carga horária insuficiente é um dos grandes desafios enfrentados para o ensino desta disciplina. E, 20% ressaltou que uma das dificuldades presentes no ensino de filosofia é a desmotivação e

desinteresse por parte dos alunos. Sendo que, 20% afirmou que elaborar uma prática de ensino de modo que o aprendizado faça sentido para os jovens estudantes é um dos obstáculos impostos a ele durante a sua prática docente.

Diante dessas afirmações, constata-se que são vários os desafios impostos ao professor. Para que ocorra um ensino eficaz faz-se necessário o desenvolvimento de uma didática de ensino que seja atrativa para o aluno. E que, mais importante que quantidade é a qualidade das aulas ministradas. E, geralmente, os discentes sentem-se desmotivados pelo fato de não conseguirem atribuir significado a filosofia.

Atualmente, ser docente não significa apenas transmitir informações, mas ter condições de avaliar a situação educacional e descobrir qual a melhor atitude a tomar em relação às suas dificuldades profissionais. As práticas docentes na disciplina em estudo certamente exigem mudanças. No entanto, as dificuldades que os professores enfrentam para lidar com os problemas, podem ser considerados como necessidades formativas dos professores, o que implica a relevância de analisar a formação do professor, a fim de que este esteja preparado para desenvolver uma prática de ensino eficiente no contexto atual de ensino.



**GRÁFICO 21: Motivo pelo qual o professor leciona a disciplina de filosofia.**



De acordo com os dados acima, dos 5 entrevistados, 40% afirmaram que lecionam a disciplina porque gostam da mesma. E, apenas 20% declarou que leciona para completar a sua carga horária. Enquanto 40% optaram pela opção “outros”. Dos dois docentes que escolheram esta opção, foram dadas as seguintes respostas:

Professor I: “Leciona a disciplina de filosofia porque realmente teve uma formação significativa na área, gosta de verdade e a mesma tem significado em sua vida prática”.

Professor II: “Atua na disciplina pelo fato de gostar de filosofia, porque a mesma trabalha com o pensamento”.

Diante dessas considerações, percebe-se que os professores entrevistados não utilizam argumentos convincentes para explicar a sua escolha pela atuação nesta disciplina. Dessa forma, fica evidente a despreparação profissional da maioria dos professores em análise. É importante que a formação docente seja um momento de reflexão do exercício da filosofia, levando em consideração a sua importância, para que ensinar filosofia, como ensinar e qual a finalidade desse ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu conhecer a realidade do ensino de Filosofia nas escolas onde foi feita a investigação. Através desta, constatou-se que há um longo caminho para que a disciplina atinja o objetivo proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Embora sua intenção não seja a de formar filósofos, deve permitir ao aluno adaptar-se ao modo filosófico de pensar, considerando os aspectos problematizadores, argumentadores, reflexivos e conceituais.

Através da análise de dados obtidos com a aplicação dos questionários, verificou-se que, tanto os professores quanto os alunos, enfrentam dificuldades na busca da construção do conhecimento, o que impossibilita a realização de um aprofundamento no estudo da disciplina. É relevante ressaltar também a importância do professor adotar uma postura crítica quanto à escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, desenvolvendo ações que venham a acrescentar de forma significativa à vida do aluno, para que este se envolva e se identifique com os temas abordados.

O uso de metodologias adequadas são fatores fundamentais para efetivação das aulas, podendo ser utilizadas diversas estratégias como as notícias de jornais, música, cinema, novelas, recortes de revistas e acontecimentos atuais que servirão de base para compreensão dos textos filosóficos. Para que o docente exerça uma prática educativa propícia ao ensino-aprendizagem de qualidade, é necessário que este tenha uma formação pautada na qualificação e na instrução pedagógica e ética, que servirão de base para execução de seu trabalho.

Destaca-se ainda que o ensino requer profissionais dispostos a examinar ideias, comprometidos com a investigação dialógica, que é uma metodologia de criação de conhecimentos, na qual é contra a aula falada e a memorização mecânica. O diálogo é um aspecto bastante relevante para o processo de reflexão, pois quando os indivíduos estão envolvidos numa conversação são incitados a refletir, a se concentrarem, selecionar alternativas, e prestar atenção à significação do que está sendo abordado. Além disso, posteriormente, podem refletir sobre o que os participantes disseram e sobre o que poderia ser dito.

Diante do que foi exposto, conclui-se a necessidade de ser dada a filosofia a mesma relevância das demais disciplinas que compõem o currículo escolar, pois esta é uma ferramenta para que os jovens possam desenvolver o senso crítico, expandir o nível intelectual, além de prepará-los para exercerem sua cidadania. Seu ensino deve comprometer-se com a melhoria de vida em sociedade, levando em consideração as relações humanas, pois a oportunidade de discutir os mais variados assuntos, com uma base crítica, caracteriza a filosofia como um espaço propício a construção de mudanças na forma de viver e se relacionar. Sendo assim, a motivação dos alunos para a reflexão da realidade e a tentativa de sua superação precisa ser colocada como o centro da ação educativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**/ Maria Lúcia de Arruda Aranha, Maria Helena Pires Martins. --2.ed. rev. atual.--São Paulo: moderna, 1993.

\_\_\_\_\_. **Temas de filosofia**/ Maria Lúcia de Arruda Aranha, Maria Helena Pires Martins — São Paulo: Moderna, 1992.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Educação**/Maria Lúcia de Arruda Aranha. --3. ed. ver. e ampl. --São Paulo: Moderna 2006.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender** / Sônia Campaner. – São Paulo : Livraria Saraiva, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**/ Marilena Chauí. 12<sup>a</sup>. ed.-São Paulo: Ática, 2002.

Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.133 p. (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 3).

LUZURIAGA, Lorenzo, 1889-1959. **História da educação e da pedagogia**.

\_\_\_\_\_. tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna.—19. Ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. – (**Atualidades pedagógicas; v.59**).

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**/Matthew Lipman; [tradução de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria Silva Kremer]. – São Paulo: Summus, 1990. – (Novas buscas em educação; v. 39).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**/Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio** / Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção formação de professores).

SAVIANI, Dermeval, 1944 – Educação: do senso comum à consciência filosófica / Dermeval Saviani – 18. Ed. Revista – Campinas, SP: Autores associados, 2009. – (Coleção educação contemporânea).

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Filosofia da educação: construindo a cidadania**/Antônio Joaquim Severino. – São Paulo: FTD, 1994.

## ANEXOS